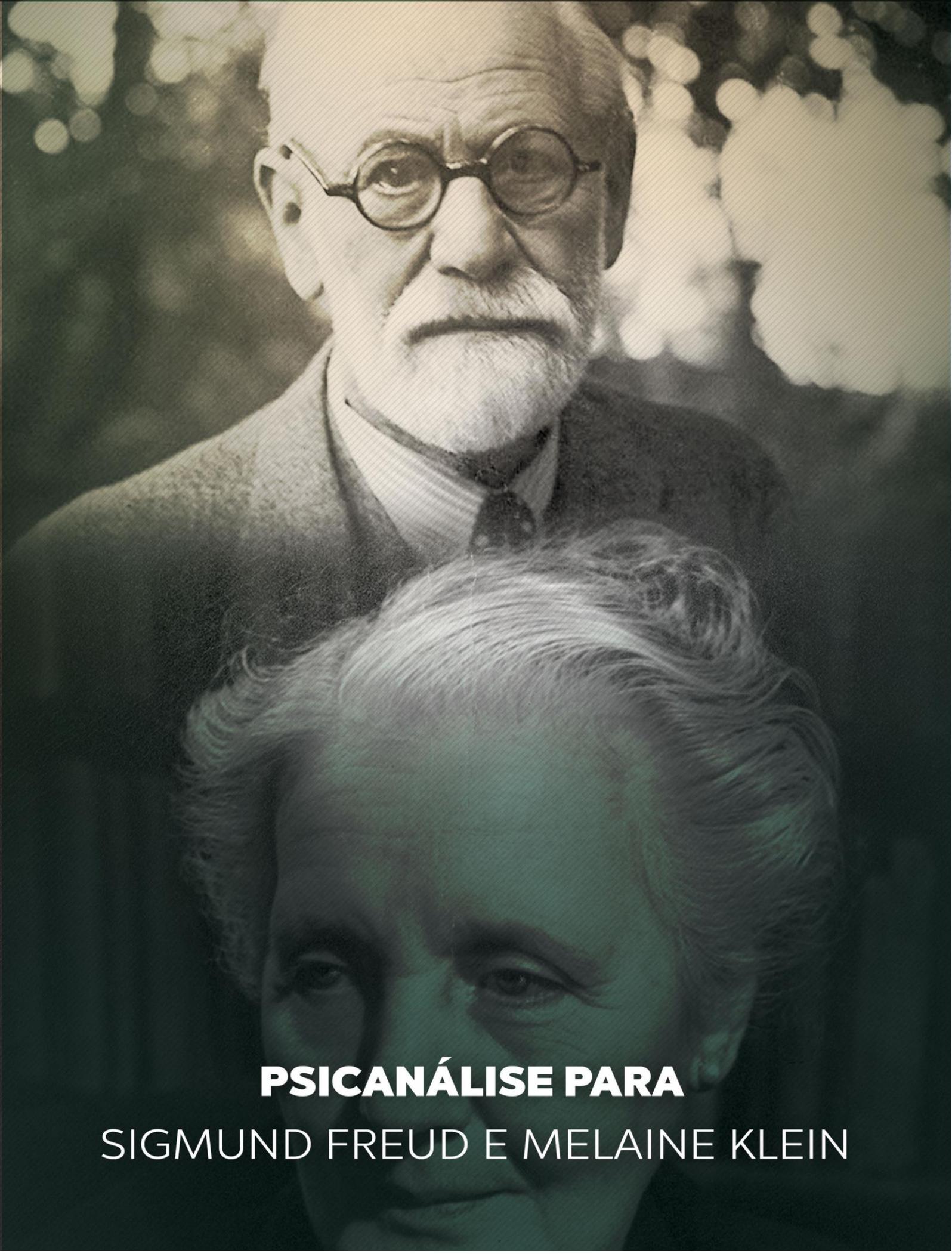


MATERIAL DIDÁTICO



PSICANÁLISE PARA

SIGMUND FREUD E MELAINE KLEIN

PSICANÁLISE PARA SIGMUND FREUD E MELANIE KLEIN

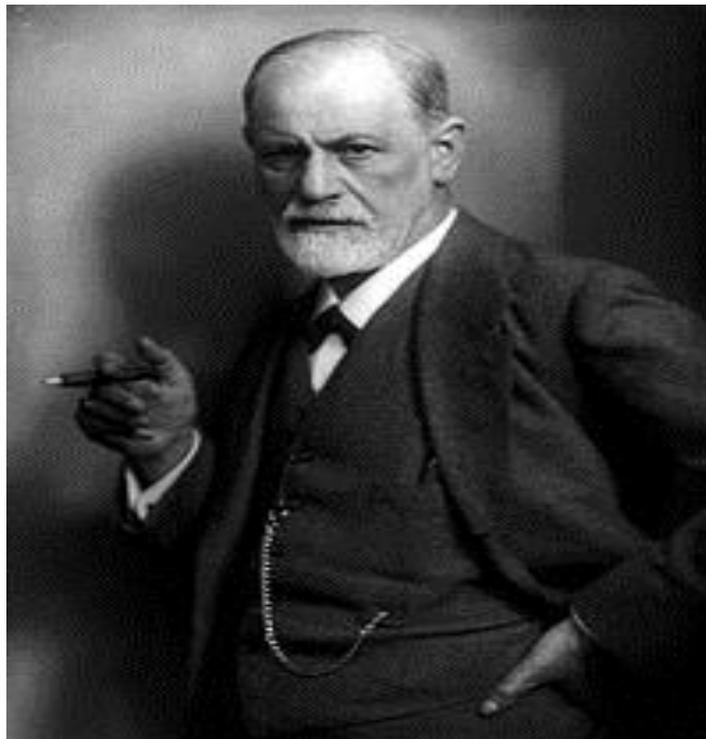
SUMÁRIO

1	SIGMUND SCHLOMO FREUD.....	3
2	A ACEPÇÃO DE FAMÍLIA EM FREUD ATRAVÉS DO COMPLEXO DE ÉDIPO	5
3	A FAMÍLIA PRIMEVA EM FREUD: UM BREVE ESBOÇO HISTÓRICO	9
4	O COMPLEXO DE ÉDIPO.....	14
5	MELANIE KLEIN.....	31
6	MELANIE KLEIN: O COMPLEXO DE ÉDIPO E A ACEPÇÃO DE FAMÍLIA.	34
6.1	O Primeiro Ano De Vida: Phantasia, Imago e Imaginário.....	34
6.2	Os primeiros estádios do conflito edipiano	37
6.3	O Complexo de Édipo no menino e na menina	40
7	POSIÇÕES ESQUIZO-PARANOIDE E DEPRESSIVA: SUA INFLUÊNCIA NO CONCEITO DE COMPLEXO DE ÉDIPO.....	48
8	A FAMÍLIA NA TEORIA PSICANALÍTICA.....	53
8.1	A família na teoria freudiana.....	53
9	A FAMÍLIA NA OBRA DE MELANIE KLEIN.....	59
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	61

PSICANÁLISE PARA SIGMUND FREUD E MELAINE KLEIN

1 SIGMUND SCHLOMO FREUD

Sigmund Freud, nascido Sigmund Schlomo Freud, a 06 de maio de 1856, em Freiberg, na Moravia, tornou-se o fundador da Psicanálise. Era filho de um comerciante, Jacob Freud, e de sua segunda esposa, bem mais jovem, Amália Nathanson – a imagem materna influenciaria, mais tarde, muitos dos estudos de Freud. Alguns de seus irmãos, do primeiro matrimônio, eram aproximadamente vinte anos mais velhos que ele. Ao completar quatro anos, Freud mudou-se com a família para Viena. Formado pela Universidade de Viena, optou a princípio por Filosofia, campo que depois iluminaria sua produção teórica, decidindo-se depois pela Medicina, especializando-se em Fisiologia Nervosa.



Fonte:upload.wikimedia.org

Desde cedo Freud demonstrou uma certa obsessão pela sexualidade, o que se percebe na sua primeira pesquisa publicada, um estudo sobre órgãos sexuais de enguias - "Observações sobre a configuração e estrutura fina dos órgãos lobados das enguias descritos como testículos" -, trabalho realizado no Laboratório de Zoologia Marinha de Trieste, em 1876, viés que marcaria suas preocupações na teoria psicanalítica por ele criada posteriormente. Cabia a Freud nesta instituição estudar a

PSICANÁLISE PARA SIGMUND FREUD E MELAINE KLEIN

anatomia e a histologia do cérebro do homem. É durante estas investigações que ele percebe elementos em comum entre a organização cerebral humana e a dos répteis. A partir daí Freud, recorrendo à teoria de Charles Darwin sobre a evolução das espécies, inicia o esboço de seu questionamento da supremacia do homem sobre outros animais.

Ao se apaixonar por Martha Bernays, desejando se casar com ela, seus escassos recursos monetários o levam a deixar o Laboratório e a trabalhar como médico interno no Hospital Geral de Viena, onde conhece Josef Breuer, especializado em moléstias nervosas, que lhe narra a história de uma paciente, Bertha Pappenheim - no prontuário médico "Fraulein Anna O." -, que era considerada depressiva e hipocondríaca, distúrbios emocionais que naquele período eram conhecidos como 'histeria'. Sob hipnose, ela revela a Breuer lembranças de sua infância, o que lhe provoca uma melhora emocional significativa após o transe. Este caso influencia intensamente as pesquisas de Freud, embora mais tarde ele abandone a hipnose ao descobrir o método da livre associação. Mas fica como herança para o pesquisador a ideia da cura pela fala e a reafirmação de sua crença nas motivações sexuais reprimidas, que provocariam os sintomas da histeria, embora Breuer não compartilhasse com Freud desta teoria de ordem sexual.

Após algumas tentativas de trabalhar com a cocaína para obter os efeitos terapêuticos desejados, Freud se decepciona e vai para a França, depois de obter uma licença do Hospital, e lá toma contato com Charcot, psiquiatra francês que trabalhava no Hospital Psiquiátrico de Salpêtrière. Ele também estudava a histeria. Assim, o criador da psicanálise retorna para Viena mais animado e passa a atender pacientes portadoras deste quadro histórico, em grande parte senhoras judias ainda jovens. Este tratamento consistia de massagem, repouso e hipnose. Suas teorias e técnicas foram sempre muito controversas na Viena desta época e Freud foi marginalizado por seus colegas durante muito tempo. Seu único parceiro neste período é Wilhelm Fliess.

O psicanalista inicia então uma pesquisa sobre os sonhos, que servem de base para seu livro "A Interpretação dos Sonhos". Com o foco centrado em si mesmo, ele cria o conceito de Complexo de Édipo, recorrendo à mitologia e à própria experiência com a mãe, por quem supostamente ele seria apaixonado quando era criança, desenvolvendo assim pela figura paterna uma certa agressividade. Este ponto se torna o centro de sua teoria sobre as causas da neurose. A princípio suas

PSICANÁLISE PARA SIGMUND FREUD E MELAINE KLEIN

publicações não têm grande repercussão, mas logo vários médicos tornam-se seus discípulos, entre eles Carl Jung, que mais tarde romperia com seu mestre.

Freud deixou para a Humanidade um grande legado, que engloba a revolução provocada pela descoberta do inconsciente, que ao lado das revelações de Copérnico e de Darwin – primeiro, o Homem descobre que a Terra não é o centro do Universo, depois toma ciência de que tem um ancestral comum com os macacos, portanto não é o centro da Natureza –, retira das mãos do indivíduo seu último trunfo, o Ego não reina mais soberano na mente, pois há um vasto território nela que ele desconhece, e sobre o qual não tem o controle absoluto. Ou seja, grande parte das ações humanas são coordenadas pelo inconsciente, uma esfera que o homem mal conhece.

Além de Breuer, Freud foi também influenciado por Platão e por Schopenhauer. Eles foram determinantes na criação da Psicanálise, teoria explicativa dos mecanismos que regem a mente do homem. Ela tem por objetivo explorar esse espaço tão pouco conhecido e assim tentar curar doenças de origem psíquica, sem causas orgânicas. Freud criou um método que tem por finalidade resgatar os traumas e choques sofridos em algum momento da vida, reprimidos no inconsciente. Através da verbalização, é possível trazer essas experiências à luz da consciência, possibilitando assim a cura. Freud mapeia a mente humana, criando as categorias de id, ego e superego.

Freud teve seis filhos, entre eles Anna Freud, que também se tornaria uma famosa psicanalista. Durante o Nazismo, Freud, por ser de origem judia, teve que fugir para a Inglaterra, mas quatro de suas irmãs não tiveram a mesma sorte e acabaram mortas em um campo de concentração. Freud morre no dia 23 de setembro de 1939, vítima de câncer na mandíbula, depois de ser submetido a trinta e três cirurgias. Há a possibilidade de ter morrido de uma overdose de morfina, supostamente aplicada pelo seu médico, a seu pedido, pois sentia dores excessivas.

2 A ACEPÇÃO DE FAMÍLIA EM FREUD ATRAVÉS DO COMPLEXO DE ÉDIPO

Percorremos os textos freudianos que trabalham a formalização do complexo de Édipo. A razão para isso reside no fato de que abordaremos as acepções de família, na teoria psicanalítica, pelo viés do complexo de Édipo. Portanto,

PSICANÁLISE PARA SIGMUND FREUD E MELAINE KLEIN

necessitamos de uma compreensão clara deste conceito para, posteriormente, correlacionando-o à família, pontuar aí as relações entre o Édipo e o grupo familiar.

Freud introduz, na teoria, a noção de complexo de Édipo através de uma releitura do mito de Sófocles. Destacamos como o complexo de Édipo freudiano vem a ser estruturante da família, realçando a importância da aceitação da família na teoria psicanalítica.

Freud trabalha a noção de família em dois momentos. Primeiro, a família primeva, sem lei, dominada por um pai terrível e violento. Podemos encontrar tal construção em seus textos: “Totem e Tabu” (1912-1913/1980), “O futuro de uma ilusão” (1927/1980) e “Moisés e o Monoteísmo” (1939/1980). Posteriormente, ele enfocará a família edípica em seus textos sobre complexo de Édipo, a saber: “Três ensaios da teoria da sexualidade” (1905/1980), “Moral sexual civilizada e doença nervosa moderna” (1923/1980), “Romances familiares”(1908/1909/1980), “Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância”(1910/1980), “Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens”(1910/1980), “A organização genital infantil”(1923/1980), “A dissolução do complexo de Édipo”(1924/1980), “Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos”(1925/1980).

Em 1897, ao abandonar a teoria da sedução, Freud menciona, pela primeira vez, o Édipo:

A lenda grega captou uma compulsão que todos reconhecem porque todos a sentiram. Cada expectador foi um dia em germe, na imaginação, um Édipo, e se aterroriza diante da realização de seu sonho transposto na realidade. Estremece diante de toda dimensão do recalçamento que separa seu estado infantil de seu estado atual (Freud, 1891 - 1899, pág. 191).

Portanto, o homem edípico vai aparecer no momento da passagem, em Freud, de uma concepção traumática do conflito neurótico para uma teoria do psiquismo inconsciente. Formalizando o complexo de Édipo, a cena do desejo de incesto e do assassinato do pai inaugura, assim, o modelo de romance familiar que sustentará a família ocidental cristã por um século (Roudinesco, 2002).

Para Freud (1912-1913/1980), a concepção da família é, portanto, fundamentada no assassinato do pai pelo filho, na rivalidade deste em relação com o pai, no questionamento da onipotência patriarcal e na emancipação das mulheres e do desejo. Esses acontecimentos arcaicos serão revividos no Oedipus-Komplese, mencionado por Freud, pela primeira vez, no texto, “Um tipo especial de escolha de

PSICANÁLISE PARA SIGMUND FREUD E MELAINE KLEIN

objeto feita pelos homens” (1910/1980). Com o complexo de Édipo, Freud assegura o funcionamento simbólico da família, substituindo o pai real morto, que mantinha mais poderes sob forma de totem. Mesmo tendo assassinado o pai, os filhos não tiveram acesso ao gozo que imaginavam que o pai tinha e isso é o que torna o pai representado e, portanto, simbólico.

Retomando Hamlet, Freud o associa ao Édipo para construir melhor o complexo, criando um personagem inconsciente (Édipo) em fusão com um elemento consciente (Hamlet). Podemos dizer que Édipo estava para a teoria assim como Hamlet está para a clínica. Freud se utiliza do personagem Hamlet, de Shakespeare, para representar o sujeito culpado de seu inconsciente. Dessa forma, somando-o a Édipo, acrescenta-se ao complexo um neurótico paralisado por escrúpulos e remorsos. Esse fato aproxima Édipo dos fenômenos clínicos. Do ponto de vista do descentramento da subjetividade, inventada por Freud para pensar a família edípiana, a tragédia de Hamlet completa magnificamente a do rei de Tebas.

Frente à decadência da vida familiar burguesa, Freud lança mão do complexo de Édipo para restaurar a família enquanto instituição, agora simbólica e inconsciente. A Lei do pai (simbólica) remete a um sujeito culpado de seu desejo (inconsciente). Completando a criação de seu complexo, Freud adiciona a Édipo (inconsciente) e Hamlet (culpa do desejo) os irmãos Karamazov (o assassinato do pai real) (Roudinesco, 2002).



Fonte: psicologiauni.blogspot.com.br

PSICANÁLISE PARA SIGMUND FREUD E MELAINE KLEIN

Questionando a morte do pai, Freud nos remete ao pai totêmico, primevo, devorador e criminoso, em sua grande obra Totem e Tabu (Freud, 1912-13/1980). Nela o autor torna o complexo de Édipo universal, por ligá-lo aos dois interditos fundamentais da cultura: a proibição de matar o pai e a proibição do incesto. Consequentemente, o poder na sociedade pode ser centrado em três imperativos: um ato fundador (morte do pai), necessidade da lei (punição) e renúncia ao despotismo do pai tirano da horda selvagem. Na evolução do indivíduo, esses três imperativos têm como consequência, três estágios: no período animista, onipotência e narcisismo infantil; na fase religiosa, poder divino e paterno e, finalmente, na época científica, o logos (Roudinesco 2002).

A família freudiana, tendo por base a culpa e a lei moral, fundamenta o desejo entre condições conflitantes de autoridade, rebeldia, crime e castigo. Essa nova concepção de família, do início do século XX, será capaz de lidar não só com o declínio da autoridade paterna, mas também com a emancipação da subjetividade, o que ela apresenta como seu cerne o amor, o desejo e a sexualidade, o que implica no reconhecimento do inconsciente e da própria subjetividade.

O complexo de Édipo funda uma estrutura psíquica de parentesco que tem como centro a lei da aliança e da filiação. Amor e trabalho, Eros e Ananké fundam a cultura. Por submeter o sujeito à lei simbólica de um pai interiorizado e desvinculado da tirania patriarcal, a família leva o filho a entrar em conflito com ela mesma (Roudinesco, 2002).

De acordo com Roudinesco (2002), admitindo a universalidade de uma estrutura edipiana de parentesco, Freud nos permite dar conta da natureza inconsciente das relações de ódio e de amor entre homens e mulheres, pais e filhos, ao rearranjar a ordem patriarcal em torno da questão do desejo. Dessa forma, transfere a antiga soberania patriárquica para uma nova ordem simbólica. E apesar de a psicanálise ter como esteio a crença de que o desejo é, ao mesmo tempo culpado e necessário ao homem e de que necessariamente é preciso sublimar para criar a civilização, Freud não desfez o vínculo entre desejo sexual e procriação e, dessa forma, não reconheceu a força de ruptura de sua teoria. Por outro lado, ele teoriza a passagem do filho-objeto para o filho-sujeito, permitindo a progressiva separação entre sexo e procriação, uma vez que o filho, enquanto sujeito, é desejante e, portanto, se guiará pela ética do desejo (Freud, 1929-30/1980).

PSICANÁLISE PARA SIGMUND FREUD E MELAINE KLEIN



Fonte: psicologiauni.blogspot.com.br

3 A FAMÍLIA PRIMEVA EM FREUD: UM BREVE ESBOÇO HISTÓRICO

Percorreremos os textos freudianos que versam sobre a família primeva e suas relações com a civilização e a religião. Percurso que descreveremos de maneira breve e histórica, o que se justifica pelo fato de que a família Primeva, anterior à edípica, caracteriza-se pela ausência da lei e pelo império de um pai não submetido à mesma, um pai devorador e incestuoso. Mas, durante esse percurso, ficou clara a relação entre a família primeva, a herança arcaica e o Complexo de Édipo, núcleo da família moderna e conceito estruturante da mesma na teoria psicanalítica.

A relação entre a família primeva e o complexo de Édipo pode ser apreendida facilmente na seguinte afirmativa de Freud: (...) supor que a tumultosa malta de irmãos estava cheia dos mesmos sentimentos contraditórios que podemos perceber em ação nos complexos-pai ambivalentes de nossos filhos (...) (Freud, 1912-1913/1980, p. 171).

Freud indica aí que o essencial, contudo, é nos reconhecermos nos primitivos por meio das mesmas atitudes que observamos com os nossos filhos. Supomos que eles, os filhos, não apenas odiaram e temeram o pai, mas também o olharam como modelo e cada um deles, na realidade, desejou ocupar seu lugar. É possível que, após o parricídio, os irmãos disputassem uns com os outros a herança do pai, até se estabelecer um acordo entre eles, um contrato social. Cada um renunciou ao seu ideal de adquirir a posição do pai e, com isso, possuir a mãe e as irmãs. Surge, assim, o tabu do incesto e a exogamia (Freud, 1912-1913/1980).

PSICANÁLISE PARA SIGMUND FREUD E MELAINE KLEIN

Freud faz, assim, a relação entre o banquete totêmico, a morte do pai e o aparecimento da lei, do remorso e da culpa. Em sua interpretação, o pai morto torna-se mais forte que o fora vivo. Os filhos, para se livrarem parcialmente da culpa da morte do pai, proibem a morte do totem, substituto da morte do pai. E, abrindo mão das mulheres, criam, a partir desse sentimento de culpa filial, os dois tabus fundamentais do incesto e do totemismo. Estes dois tabus, originários da moralidade, situam-se, psicologicamente, em níveis diferentes: o primeiro na morte do pai, e o segundo, na proibição do incesto.

Para sabermos como a vivência da morte antropofágica do pai primevo se encontra de alguma forma presente nas organizações sociais, famílias e sujeitos da modernidade, como nos ensina Freud, necessitamos examinar uma questão filogenética: a herança arcaica. Representando o fator constitucional no sujeito, a herança arcaica, disposição inata, é a capacidade e tendência do indivíduo, de em determinadas linhas específicas de desenvolvimento, reagir de maneira específica a certos estímulos.

No Complexo de Édipo, reparamos no sujeito a presença dessa herança. As reações da criança durante o Édipo não se apoiam apenas no que experimentaram, mas no modelo de um acontecimento filogenético que traz elementos arcaicos vinculados a experiências de gerações anteriores. Por isso, podemos isolar um tema central: os traços de memória de gerações anteriores. Para ingressar na herança arcaica como recordação, o acontecimento deve ser de grande importância, frequentemente repetido ou, ambas as hipóteses: um acontecimento de grande importância e frequentemente repetido.

Contudo, o importante é despertar os traços de memória por uma repetição real. Tal reativação, levada a termo pelo Complexo de Édipo, aponta para a passagem do sensorial ao intelectual, passo decisivo que indica também a passagem da natureza (sentidos) para a cultura (inteligência). No Complexo de Édipo, vivido na família, reedita-se a renúncia pulsional sob a pressão da autoridade paterna e, posteriormente, da instância que substitui e prolonga o pai: o supereu.

Portanto, após a instalação da nova ordem (fraterna), inicia-se um desenvolvimento que tem como característica o retorno do recalçado. Os precipitados psíquicos (herança arcaica) do período primevo passam a ser propriedade herdada, o que em cada nova geração não exige a aquisição, mas apenas um despertar. Na criança, a ambivalência, que se constitui como parte essencial da relação com o pai,

PSICANÁLISE PARA SIGMUND FREUD E MELAINE KLEIN

sustenta a hostilidade presente e desperta o crime primordial do pai totêmico, no sentido de apontar para as mesmas estruturas edípicas também presentes nas proibições de tabus totêmicos. Configurando, assim, a família totêmica como primórdio da família edípica, examinaremos agora a questão do tabu.

O significado de tabu diverge em dois sentidos ambíguos: por um lado, significa sagrado, “consagrado” e, por outro, “misterioso”, “perigoso”, “proibido”. Como código de leis não-escrito mais antigo da humanidade, o tabu traz em si um sentido de algo inabordável, expresso em proibições e restrições. Frente a ele, os homens reagem ambigualmente: desejam violá-lo, mas temem fazê-lo. Portanto, a base do tabu é uma ação proibida para cuja realização existe forte inclinação inconsciente. Prevalece no tabu a ambivalência emocional entre desejo e proibição, o amor e a hostilidade.

Logo, podemos afirmar que a consciência tabu é a forma mais remota do fenômeno da consciência. Freud (1912-1913/1980) afirma, sem qualquer distinção dos sentidos dos termos, que falar de uma consciência tabu ou, após um tabu ter sido violado, de um senso de culpa ou consciência de culpa tabu. “A consciência tabu é provavelmente a forma mais remota em que o fenômeno da consciência é encontrado” (Freud, 1912-1913/1980, p.89). No tabu podemos observar a questão da consciência de culpa tanto na condição interna quanto em um ato pelo qual realizamos um determinado desejo. O senso de culpa não é menor se a violação ocorrer sem o conhecimento do sujeito ou mesmo contra sua intuição. Portanto, a proibição incide não apenas no ato, mas, muito mais, no desejo subjacente que, sendo inconsciente, obedece às leis de funcionamento do mesmo, entre elas a atemporalidade e a indestrutibilidade.

Podemos notar como Freud, já nesses textos em que trabalha a família primeva, introduz dois conceitos fundamentais para o posterior desenvolvimento da teoria do Complexo de Édipo: o desejo e o inconsciente

É importante ressaltar que em seu texto “Totem e Tabu” Freud, (1912-1913/1980) diferencia o sistema totêmico do familiar. O laço totêmico é mais forte que o da família, no sentido moderno. Os dois não coincidem, já que o totem é, via de regra, herdado pela linhagem feminina. E, o mais importante, as restrições do tabu proíbem os membros do mesmo clã de casar-se ou ter relações sexuais uns com os outros. Logo, inicialmente, as proibições incidiram sobre as relações incestuosas

PSICANÁLISE PARA SIGMUND FREUD E MELAINE KLEIN

fraternais e com a mãe, e só posteriormente regulariam as relações dos filhos com o pai.

O tabu do incesto é, portanto, uma proibição aos homens de fazer aquilo a que suas pulsões os inclinam, pois, já aquilo que a natureza proíbe, é supérfluo que a lei o faça. Logo, a proibição do incesto não deve ser entendida como uma medida de higiene e eugenia, mas como uma proibição que incide sobre o desejo.

A fim de relacionar a família totêmica com a família atual, Freud (1912-1913/1980) nos remete à fobia de crianças, em que aparecem, em inversão, algumas características do totemismo, a identificação total do pai com o animal totêmico (fóbico) e a vivência emocional e ambivalente para com esse ancestral comum. O papel do totem é desempenhado pelo pai no complexo de castração e no complexo de Édipo (1924/1980), papel de um inimigo temível aos interesses sexuais da infância. As principais leis do totemismo – não matar o totem e não ter relações sexuais na mesma casa totêmica - coincidem com os dois crimes de Édipo, matar o pai e casar com a mãe. Portanto, o sistema totêmico é produto das mesmas condições presentes no complexo de Édipo. Ele possibilitará um pacto entre o pai, que se comprometia a proteger e cuidar da prole, e os filhos, que prometiam o respeito à vida do pai. Além disso, a proibição do incesto é o que permitiria, por intermédio da renúncia pulsional, o acesso à civilização.

Freud (1912-1913/1980) faz aqui a relação entre banquete totêmico, a morte do pai e o aparecimento da lei, do remorso e da culpa. Em sua interpretação, o pai morto torna-se mais forte do que o fora vivo. Os filhos, para se livrarem parcialmente da culpa da morte do pai, proíbem a morte do totem, substituto do pai e, abrindo mão das mulheres, criam, a partir desse sentimento de culpa, os dois tabus fundamentais do totemismo, correspondentes aos desejos recalcados no complexo de Édipo. Os dois tabus estão, do ponto de vista psicológico, em níveis diferentes: o primeiro, a morte do pai é apenas emocional: “o pai fora realmente eliminado e em nenhum sentido real o ato poderia ser desfeito” (Freud 1912-1913/1980, p.172) o segundo, a proibição do incesto, é prático, permitindo, por meio da renúncia pulsional, o acesso à civilização.

A ambivalência presente no complexo-pai é também encontrada no totemismo, nas religiões e nas regras morais predominantes. Como é necessário direcionar o vértice da agressividade, à proibição do incesto soma-se a proibição da morte do totem, o que indica que totemismo e exogamia são intimamente ligados e

PSICANÁLISE PARA SIGMUND FREUD E MELAINE KLEIN

têm a mesma origem. Freud explica essa ambivalência: a refeição totêmica, que é talvez o mais antigo festival da humanidade, seria assim uma repetição, e uma comemoração desse ato fundamental e criminoso que foi o começo de tantas coisas: da organização social, das restrições morais e da religião (Freud 1912-1913/1980, p. 103). A religião totêmica, por meio da introdução das divindades paternas, gradualmente transforma uma sociedade organizada em uma sociedade de base patriarcal.

Embora a organização social, portanto, familiar, tenha aparecido sob o pilar do sistema matriarcal, as conquistas sociais do clã fraterno persistem e se desenvolvem, marcando a distância entre o pai da família moderna e o onipotente pai primevo da horda. O banquete totêmico permite que a atitude ambivalente para com o pai encontre expressão e acentue ainda mais a das emoções afetuosas do filho sobre as hostis; a derrota e sujeição do pai tornam-se o estofa da representação de seu triunfo supremo ao introduzir, na organização social, a vivência simbólica do crime e do castigo, do ato e da lei. Esse acontecimento fundador, primordial, o assassinato do pai primevo, deve, inexoravelmente, ter deixado traços inerradicáveis na história da humanidade, dando origem a numerosos substitutos, em que sempre encontramos a culpa presente na rebelião contra alguma autoridade, divina ou humana. Insistimos, portanto, com Freud que o começo da religião, da moral, da sociedade converge para o complexo de Édipo (Freud, 1912-13/1980).



Fonte: www5.usp.br

PSICANÁLISE PARA SIGMUND FREUD E MELAINE KLEIN

4 O COMPLEXO DE ÉDIPO

Em suas cartas a Fliees, Freud já menciona a questão do Complexo de Édipo. Na carta 57 (Freud, 1987-1980), Freud comunica a Fliees o lugar do pai no “romance familiar” da histérica:

(...) nos pacientes histéricos, reconheço o pai por trás de seus elevados padrões referentes ao amor, de sua humildade para com o amante, ou da sua incapacidade de casar, porque seus ideais não são satisfeitos. Naturalmente, o fundamento disso é a altura a partir da qual um pai olha com superioridade para o filho (p. 333).

Inicialmente relacionado apenas à paranoia, o conceito de romance familiar é estendido aos neuróticos em geral, principalmente em seu artigo, *Romances Familiares* (Freud, 1909/ 1980).

Mas encontramos, na carta 71 (Freud 1897/1980), uma descrição mais cuidadosa das relações entre a criança e seus pais. Freud afirma considerar um evento universal, do início da infância, a paixão pela mãe e o ciúme do pai como vivência mais precoce no caso das crianças que desenvolveram a neurose histérica. Menciona, pela primeira vez, o mito grego de Édipo: “Sendo assim, podemos entender a força avassaladora de Oedipus-Rex, apesar de todos as objeções levantados pela razão contra pressuposição do destino” (Freud, 1897/1980, p.365).

Freud acentua a universalidade do mito grego ao afirmar que a compulsão captada por Édipo é reconhecida por toda pessoa, porque sente sua presença dentro de si, temendo a realização do sonho edípico e, portanto, repetimos a citação de Freud:

Cada pessoa da plateia foi um dia, em germe ou na fantasia, exatamente um Édipo como esse, e cada qual recua, horrorizada, diante da realização de sonho aqui transposta para a realidade com toda a carga de recalçamento que separa seu estado infantil de seu estado atual (Freud, 1897/1980, p. 112).

Freud adiciona, então, o herói shakespeariano, Hamlet, mostrando que na base dessa trama se encontra a história de Édipo. Justifica a impossibilidade de Hamlet vingar o pai assassinado pelo seu tio, devido ao tormento de que padece com a lembrança de que ele próprio planejou matar o pai, por causa da paixão pela mãe.

Porém, para entender como Freud desenvolveu o conceito de complexo de Édipo, e, concomitantemente, a acepção de família, é necessário acompanhar sua

PSICANÁLISE PARA SIGMUND FREUD E MELAINE KLEIN

progressiva construção da teoria da sexualidade. No texto, *Moral Sexual Civilizada e Doença Nervosa Moderna* (Freud, 1908/1980), encontramos a relação da sexualidade com a civilização, mais especificamente com a repressão nociva da vida sexual e com a moral sexual civilizada que a rege. Podemos, portanto, considerar já, desde aí, o fator sexual como causa das neuroses, sejam as neuroses propriamente ditas ou psiconeuroses.

Nossa civilização se sustenta sobre a supressão das pulsões, sendo as sexuais as mais vigorosamente desenvolvidas, como também as mais constantes, e as que colocam à disposição da cultura uma extraordinária quantidade de energia. Além disso, essas pulsões apresentam grande capacidade de sublimação, ou seja, de trocar seu objeto sexual original por outro, não mais sexual, mas psiquicamente relacionado ao primeiro, o que libera grande possibilidade de deslocamento de energia sexual para fins culturais. Logo, para Freud, a civilização é construída à custa da sexualidade (Freud, 1908/1980).

Considerando a evolução da pulsão sexual, do autoerotismo ao genital, passando pelo objetal, Freud destaca, em sua época, a existência de três estágios que dizem respeito à sexualidade: um primeiro, no qual a pulsão sexual pode manifestar-se livremente; um segundo, no qual a pulsão sexual é suprimida, exceto quando serve à procriação; e o terceiro, que corresponderia à moral sexual civilizada atual, com exceção do primeiro estágio o da pulsão sexual liberada, o indivíduo, devido a sua organização, encontra dificuldades maiores ou menores para responder à exigência de recalque da pulsão sexual.

No terceiro estágio, o da moral sexual civilizada atual, em que observamos a exigência de abstenção sexual até o casamento, é possível afirmar que a maioria dos indivíduos sucumbe à neurose. É este preceito de abstinência até o casamento que nos interessa mais de perto, porque está inteiramente relacionado com a formação da família, na época de Freud, em nossa sociedade.

O medo do ato sexual acarreta, inicialmente, o término da afeição física do casal e, posteriormente, destrói a afinidade psíquica que deveria substituir a paixão inicial. Assim, o matrimônio, no século XIX, oferecido à pulsão sexual do indivíduo como uma consolação, é inadequado, mesmo para compensar as privações sexuais anteriores. Principalmente às mulheres, a sociedade vitoriana não só proíbe as relações sexuais, como premia a preservação da castidade, conservando-as ignorantes do papel sexual que irão desempenhar no casamento. Seus sentimentos

PSICANÁLISE PARA SIGMUND FREUD E MELAINE KLEIN

permanecem presos aos seus genitores, cuja autoridade acarretou a supressão da sexualidade.

Além disso, a família civilizada, anula a vida sexual do casal, principalmente, com a transferência do amor da mãe para o filho. O relacionamento difícil dos pais produz a vivência intensa de sentimentos de amor e ódio na criança e, assim, abre caminho para a neurose e a conseqüente frustração dos objetivos da civilização (Freud 1908/1980).

Vemos, assim, que, para Freud (1908/1980), existe uma semelhança e uma associação entre os mecanismos utilizados pela família e pela civilização no recalque e o posterior deslocamento da pulsão sexual para objetos substitutos.

Para Freud (1908-1980), essa vivência do complexo de Édipo é acompanhada da formulação, feita pela criança, de uma série de teorias sexuais que têm como eixo sua curiosidade sobre a origem dos bebês. O material que lhe serve de base para essas afirmações tem sua origem, primeiro, na observação direta das crianças, bem como no relato das lembranças de infância, que os neuróticos adultos, conscientemente, fazem durante o tratamento psicanalítico (Freud, 1908-1980).



Fonte: mindgames12ab.blogspot.com.br

É claro que temos de levar em conta que as pressões da educação e a variável intensidade da pulsão sexual produzem grandes mudanças individuais no comportamento sexual da criança e, sobretudo, influenciam a época do reaparecimento do interesse sexual da mesma. Mas, sem dúvida, tal interesse sofre um incremento com a experiência próxima do nascimento de um bebê. Como para a criança suas lembranças mais antigas já incluem um pai e uma mãe, ela aceita a existência destes como uma realidade indiscutível; mas, com a entrada de um

PSICANÁLISE PARA SIGMUND FREUD E MELAINE KLEIN

irmãozinho, a perda, realmente experimentada ou temida, dos carinhos dos pais, e o pressentimento de que, de agora em diante, terá sempre que compartilhar seus bens, atenção e carinho com o recém-chegado despertam suas emoções e aguçam sua capacidade de pensamento (Freud, 1908-1980).

O centro dessa primeira preocupação, que leva a criança a refletir sobre a vida, é a pergunta: 'De onde vêm os bebês'? – indagação cuja forma original certamente era 'De onde vem esse bebê intrometido?' (Freud, 1908/1980, pág. 216).

Para responder essa pergunta, que para a criança é uma questão de vida, ela utiliza não só a observação do comportamento e a fala dos adultos, como de seu corpo e de suas emoções para formular uma resposta. A conclusão só poderia ser uma: que os bebês crescem no interior do corpo da mãe. O novo enigma com o qual a criança se defronta é 'Como vão os bebês parar dentro do corpo da mãe?' A criança percebe que o pai tem algo a ver com esse fato, mas sua própria sexualidade indica também que o pênis está presente nessa questão, pois na constituição sexual da criança, o pênis é a principal zona erógena e o mais importante objeto sexual auto erótico.

Desse fato advêm as mais variadas teorias sexuais, desde a mutilação fálica das mulheres, até o ato sexual dos pais, que é encarado como uma agressão do pai para com a mãe. Se não existe órgão sexual feminino, a mãe tanto incorpora o pênis pela boca ou ânus, quanto pare a criança pelo ânus (Freud, 1908-1980).

Outra questão, indiretamente, associada com o insolúvel problema da origem dos bebês também requer das crianças teorias que lhes respondam à questão da natureza e do conteúdo do casamento. A maioria das ideias infantis veem no casamento uma promessa de prazer obtido pela ausência de pudor nas relações sexuais do casal.

Finalmente, Freud nos indica que os conhecimentos que as crianças adquirem dessa forma são na maior parte corretos, porém as revelações que trocam entre si são frequentemente mescladas com ideias falsas e resíduos de teorias sexuais infantis anteriores (Freud, 1908/1980, p. 109).

A essas fantasias imaginárias acerca da sexualidade soma-se, concomitantemente, o que Freud chamou de romance familiar. Nos primeiros anos da vida familiar, a criança tem como principal desejo igualar-se aos pais, que são idealizados por ela. Com o crescimento e o desenvolvimento intelectual, passa a desmitificar tal ideal e opor-se a ela. Esse resultado de oposição tem a contribuição dos impulsos mais intensos da rivalidade sexual, que aparece em fantasias de

PSICANÁLISE PARA SIGMUND FREUD E MELAINE KLEIN

adoção, sentimentos referentes a uma suposta negligência, ciúmes fraterno. Porém, nesse momento, evidencia-se a influência do sexo, pois, no menino existe maior tendência a sentir impulsos hostis contra o pai, com maior desejo de libertar-se dele (Freud, 1908-1980).

Esse momento de afastamento dos pais pode ser descrito no romance familiar do neurótico, raramente lembrado conscientemente, contudo, presente no mundo fantasmático dos indivíduos. Essa atividade imaginativa emerge no brincar da criança e, posteriormente, no período da puberdade, nos devaneios que constituem uma realização de desejo, como também uma retificação da vida real. São dois os objetivos principais desses devaneios: um erótico e um ambicioso. Para alcançá-los, a criança precisa substituir seus pais, não-idealizados, por outros, em geral de elevada posição social. Normalmente, isso ocorre em uma época em que a criança ainda ignora os determinantes sexuais da procriação.

Numa segunda fase do Édipo, quando é entendido o ato sexual, o romance familiar passa a ter uma curiosa restrição. Contenta-se em exaltar o pai. Nesse estágio sexual do romance familiar, a criança tende a se imaginar em relações e situações eróticas, respondendo a um desejo de colocar a mãe em situações de infidelidade, somando esse novo desejo ao de vingança e retaliação presentes no estágio anterior.

Se estiverem presentes outros interesses, como, por exemplo, o desejo por uma irmã, estes podem determinar o curso do romance familiar, já que sua multiplicidade de formas permite-lhe satisfazer toda uma série de requisitos.

Entretanto, sob esses sentimentos hostis de infidelidade e ingratidão, a criança conserva a antiga afeição por seus pais. Examinando o mais comum desses romances, o de substituição dos pais por indivíduos de melhor situação, ver-se-á que a criança atribui a esses novos e aristocráticos pais qualidades que se originam de recordações reais de seus pais mais humildes e verdadeiros.

A criança traz do passado o pai nobre e forte, e a mãe mais linda e amável. Portanto, ela dá as costas ao pai real do presente para voltar-se ao pai dos seus primeiros anos. Importante notar que assim como para o complexo de Édipo, também nas teorias sexuais infantis e no romance familiar, Freud sempre estabelece o contraponto da realidade como elemento desencadeador da herança arcaica. No romance familiar, a família da realidade se apresenta como um suporte para a família imaginária.

PSICANÁLISE PARA SIGMUND FREUD E MELAINE KLEIN

A esses dois elementos anteriores, teorias sexuais infantis e romances familiares, Freud adiciona mais um elemento na composição do complexo de Édipo: as lembranças advindas de vivências, nos primeiros anos de vida, na família. Trabalha as experiências das vivências infantis, bem como as fantasias, daí, advindas e suas consequências na formação do caráter, a partir de um notável artista, no texto, “Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância” (Freud, 1910/1980).

Em Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância, encontramos a ligação feita por Freud da ausência do pai nos primeiros anos de vida de Leonardo e sua sede de pesquisa e conhecimento. Essa relação é feita através do vínculo intenso da criança com a mãe, de sua pulsão prematura para o conhecer, sem a oposição de um pai que, normalmente, cerceia na criança esse impulso, exatamente por punir ou não reforçar a pesquisa sexual.

Da mesma forma, Freud associa a ausência e o abandono do pai de Leonardo, durante os cinco primeiros anos da sua vida, à vagareza, que era presente no trabalho de Leonardo aparecendo como um sintoma de inibição e um prenúncio de seu subsequente abandono da obra.

Entretanto, o mais importante desse texto é a relevância que Freud (1910-1980) dá às lembranças da infância, às quais, diferentemente das lembranças conscientes da idade adulta, não se fixam no momento da experiência, sendo depois repetidas, mas, surgem somente no final da infância, repletas de alterações e falsificações que respondem a interesses ulteriores e, assim, geralmente, não poderão ser diferenciadas da fantasia. Contudo, mesmo com todas as distorções, essas fantasias representam a realidade do passado. A lembrança que o indivíduo acredita ter da infância, esses restos de recordações incompreensíveis para o sujeito, encobrem indicações dos traços mais importantes para o seu desenvolvimento.

Como vimos, para Freud, as vivências dos primeiros anos e suas recordações são recuperadas pelos indivíduos como fantasias. Logo, podemos concluir que a realidade familiar ou edípica é, na verdade, realidade psíquica, exatamente por só poder ser acessível através de uma fantasia.

Freud cita a recordação de infância na qual Leonardo responsabiliza o seu interesse pelo voo dos abutres a uma recordação descrita por ele, de acordo com Scognamiglio, numa passagem acerca do voo dos pássaros:

Parece que já era meu destino preocupar-me tão somente com abutres; pois guardo como uma das minhas primeiras recordações que, estando em meu berço, um

PSICANÁLISE PARA SIGMUND FREUD E MELAINE KLEIN

abutre desceu sobre mim, abriu-me a boca com sua cauda e com ela, fustigou-me repetidas vezes os lábios. (Leonardo da Vinci e uma lembrança da sua infância apud Freud, (1910/1980, pág. 97, Den Dulk et al).

Através dessa recordação de Leonardo, Freud analisa as lembranças inteligíveis da infância e as fantasias que delas resultam, concluindo: O nosso objetivo, ao analisar uma fantasia da infância, é separar o elemento mnemônico real, que ela contém, dos motivos posteriores que o modificam e o distorcem (Freud, 1910/1980, p. 84). Aqui, encontramos-nos em um ponto conclusivo, no caminho percorrido por Freud, para a construção do conceito de complexo de Édipo. Passamos pelas teorias sexuais infantis, que têm como contribuição as ideias das crianças sobre a sexualidade e o casamento, somamos a elas as fantasias sobre a família, contidas nos romances familiares e, por fim, adicionamos a valiosa contribuição das lembranças advindas das recordações da infância, para entendermos como a realidade familiar é expressa através da realidade psíquica. Acompanhamos, anteriormente, a construção por Freud, da teoria da sexualidade, visando, assim, à teorização do complexo de Édipo e, portanto, da família.

Agora, percorreremos os textos que versam sobre a escolha de objeto sexual e a genitalidade infantil. Ressaltaremos as diferentes maneiras de vivência do complexo de Édipo. Daremos continuidade ao nosso trabalho de pontuação das relações entre os conceitos estudados (complexo de Édipo) e o conceito de família. É no texto: “Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens (contribuições à Psicologia do amor I) que Freud (1910 / 1980) utiliza, pela primeira vez, o nome Complexo de Édipo. Nele, Freud demonstra que a escolha de objeto de amor tem como origem o complexo de Édipo e as relações familiares da criança com o pai e a mãe: (...) Ele começa a desejar a mãe para si mesmo, no sentido com o qual, há pouco, acabou de se inteirar, e odiar, de nova forma, o pai como um rival que impede esse desejo; passa, como dizemos, ao controle do “Complexo de Édipo” (Freud, 1910/1980, p. 154).

Exatamente para falar sobre esse “desejo” da criança, Freud (1910/1980) discute tipos de escolhas de objetos de amor que se caracterizam por serem desconcertantes em suas condições. A primeira dessas pré-condições é a de que deva existir uma terceira pessoa prejudicada, ou seja, o marido da mulher amada. A outra pré-condição aparece, geralmente, em conjunção com a primeira: a mulher deve ter reputação moral duvidosa ou ser prostituta.

PSICANÁLISE PARA SIGMUND FREUD E MELAINE KLEIN

Ambas fornecem, respectivamente, oportunidade para a rivalidade e o ciúme, e também trazem, em sua estrutura de funcionamento, a situação triangular já vivida pelo indivíduo em sua infância. Em exemplos muito claros, o amante não aparenta qualquer desejo de exclusividade e sente-se, perfeitamente, à vontade na situação triangular. As características deste tipo de escolha de objeto são sua natureza compulsiva, que tem, como resultado, a formação de uma extensa série desses relacionamentos e a ânsia de salvar a mulher amada (Freud, 1910 / 1980).

Essa estranha escolha de objeto, essa maneira tão diferente de se comportar no amor, também os amores ditos normais, têm sua origem no complexo de Édipo, advêm do protótipo de objeto infantil, a mãe, que detém a libido a ela ligada, imprimindo, no objeto de amor do indivíduo, caracteres ternos, transformando-os em substitutos reconhecíveis da mãe (Freud, 1910 /1980).

Freud (1910 / 1980) nos indica que, na primeira pré-condição, isto é, quando uma terceira pessoa é prejudicada, no funcionamento triangular da escolha do objeto, emerge a vivência amorosa com a mãe. A criança cresce no círculo familiar, em que o pai e a mãe são únicos e insubstituíveis, o que traz, como consequência a supervalorização da pessoa amada e leva o indivíduo a considerá-la única, fazendo, desses objetos amorosos, uma série infindável. É, simplesmente, porque o objeto amoroso sendo substituído não satisfaz, por não conseguir produzir a satisfação procurada pela substituição da mãe, primeiro objeto-alvo do desejo.

Mezan (1991), em Freud: A Trama dos Conceitos, fala da importância deste texto freudiano (Um Tipo Especial de Escolha de Objeto Feita Pelos Homens): A temática recebe um novo impulso com o artigo de 1910, sobre um tipo especial de escolha de objeto no homem (Mezan, 1991, p. 191.).

E, comentando sobre a importância do texto na construção teórica do complexo de Édipo, Mezan (1991) acrescenta:

Este texto introduz o termo “complexo de Édipo” e o relaciona explicitamente com a puberdade. Freud escreve que as revelações sexuais, que situamos nos anos imediatamente anteriores à puberdade, despertam no menino as recordações de suas impressões e desejos infantis mais precoces, reanimando conseqüentemente determinados impulsos psíquicos (Mezan, 1991, p. 192).

Assim, como ressaltamos, a sistematização do conceito de complexo de Édipo por Freud passa pelos romances familiares, como também pelas teorias sexuais infantis, fantasias e lembranças da infância. Mezan também comenta: Assim, vemos

PSICANÁLISE PARA SIGMUND FREUD E MELAINE KLEIN

como elementos do complexo de Édipo vão sendo apresentados de forma esparsa, como que representando produtos marginais da investigação analítica (Mezan, 1991, p. 193).

Finalmente, devemos esclarecer a última característica desse tipo de escolha de objeto proposta por Freud: a ânsia de salvar a mulher amada. Este desejo tem sua própria história e significado separados do complexo materno. A tendência de redimir a mulher remete ao complexo paterno: os afetos advindos da dívida irresgatável de ter recebido a vida dos pais geram o desejo de retribuir e recompensá-los. Em relação ao pai, esse desejo é responsável pela fantasia de salvar o mesmo do perigo e de proteger-lhe a vida. Ao mesmo tempo, traz o movimento de hostilidade: nada devo ao meu pai, pois ele me deu a vida; mas salvando-o, quito a minha dívida. Essa mesma fantasia com a mãe, de resgatar o presente da vida dela recebido, apresenta-se sobre o desejo de dar-lhe um filho, igual a ele próprio, vivenciando o desejo de ser seu próprio pai, identificando-se com ele.

Logo, o tema do salvamento varia do menino à menina: significa, no menino, o desejo de fazer uma criança, e, na menina, o desejo de dar a luz. Este complexo parental vivido pela criança em sua família determinará sua maneira de lidar com o amor, o desejo e a escolha de objeto.

A importância da escolha de objeto já pôde ser observada na infância, como nos demonstra Freud (1923-1924 /1980), no texto: “A organização genital infantil”. Ele comenta que a maior aproximação que a criança alcança da vida sexual do adulto ocorre com a escolha de um objeto para o qual a criança dirige a totalidade de suas pulsões parciais. Este objeto escolhido permite a ela alcançar seus objetivos pulsionais.

Tão importante como os demais itens na formulação da teoria da sexualidade são as teorias sexuais, os romances familiares e as recordações infantis, bem como a escolha de objeto e a posterior teoria da identificação, teoria esta que vem permitir a passagem para uma nova etapa da conceitualização do complexo de Édipo.

Mezan (1991), em seu texto: Freud: a Trama dos Conceitos, comenta:

Com o surgimento dos conceitos de narcisismo e identificação, o Édipo passa para um plano de maior destaque, pois a escolha narcisista de objeto, pelas próprias constelações narcisistas, reflete-se sobre o ego, enquanto a identificação, que inicialmente é identificação com os pais, introduz a possibilidade de traçar a gênese do ego, na qual paulatinamente os fatores intersubjetivos e edipianos vão assumindo o papel de molas fundamentais (Mezan, 1991, p. 194).

PSICANÁLISE PARA SIGMUND FREUD E MELAINE KLEIN

Com esses dois conceitos de grande importância, ego e identificação, Freud avança na sua teoria do complexo de Édipo.

O Édipo, no menino e na menina, apresenta-se de forma diferenciada. No caso do menino, podemos descrever o complexo de Édipo, sucintamente, da seguinte forma. Muito novo, o menino desenvolve um investimento objetal para com a mãe, dirigido, primeiramente, para o seio materno, modelo analítico de espelho objetal. A sua relação com o pai é de identificação. Esses dois relacionamentos não têm longa duração, pois logo os desejos incestuosos do menino pela mãe se tornam mais intensos, e o pai passa a ser visto como um obstáculo a eles; disso se origina o complexo de Édipo. Logo, a identificação com o pai carrega-se de hostilidade, e o desejo de livrar-se dele predomina, bem como a ideia de ocupar seu lugar junto à mãe. A ambivalência inerente à identificação, desde o início, se manifesta dominando a relação com o pai. Portanto, o complexo de Édipo positivo do menino se caracteriza por uma atitude ambivalente em relação ao pai e por uma relação objetal afetuosa com a mãe.

Sob a égide do complexo de castração, o complexo de Édipo é demolido, e o menino deve abandonar seu desejo pela mãe, decorrendo, daí, duas consequências: uma identificação do menino à mãe, ou, por outro lado, uma intensificação de sua identificação ao pai.

Portanto, a dissolução do complexo de Édipo consolida a masculinidade no menino. De maneira precisamente análoga, o desfecho da atitude edipiana, na menina, pode ser uma identificação com a mãe ou, após ter abandonado o pai como objeto de amor, a colocação em primeiro plano de seu complexo de masculinidade e a identificação ao pai.

Essa maneira de focar o Édipo, na menina, é modificada por Freud (1925/1980), no texto, Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos. Primeiro, enquanto o menino mantém seu primeiro objeto, a mãe, as meninas o trocam; com isso, desenvolvem uma tenaz fixação ao pai e ao desejo de ter um filho seu. Esta fantasia de desejo também é força motivadora da masturbação infantil. Podemos ainda concluir que o complexo de Édipo, na menina, tem uma longa pré-história e constitui, sobre certos aspectos, uma formação secundária. E que a fase fálica, na menina, não é vinculada a essa masturbação anterior, e sim, a uma importante descoberta que as meninas estão destinadas a fazer. Elas notam o pênis

PSICANÁLISE PARA SIGMUND FREUD E MELAINE KLEIN

de um menino visível, identificando-o com seu próprio órgão pequeno e imperceptível. Como consequência, elas caem vítimas da inveja do pênis.

Essa vivência, no menino, é bem diferente. Quando o menino observa a região genital de uma menina, inicialmente, demonstra uma irresolução ou falta de interesse, não vê nada ou rejeita. Somente mais tarde, quando ameaçado de castração, é que essa observação se torna importante para ele. A menina se comporta de forma diferente. Vendo o pênis, sabe que não o tem e quer tê-lo. É o que chamamos de complexo de masculinidade. Seu conhecimento da distinção anatômica entre os sexos a força a abandonar a masculinidade (a masturbação masculina, exclusivamente clitoriana) e iniciar a construção da feminilidade (Freud, 1925/1980). Nesse momento, teremos a entrada do complexo de Édipo. A menina, deslizando na equação “pênis-criança”, abandona seu desejo de ter um pênis e coloca em seu lugar o desejo de ter um filho, tomando, para isso, o pai como objeto de amor, e a mãe se torna seu objeto de ciúme.

Concluimos que, nas meninas, o complexo de Édipo é uma formação secundária por ser antecipado pelo complexo de castração em que se destaca o complexo de masculinidade. Diferentemente, nos meninos, o complexo de Édipo é destruído pelo complexo de castração, tendo como consequências o abandono de seus investimentos, a introjeção de seus objetos e a formação de parte do supereu.

Nas meninas, falta o motivo para resolução do complexo de Édipo, uma vez que o complexo de castração antecede o edípico. Assim, resta à menina abandoná-lo lentamente ou reprimi-lo. Não há, portanto, um paralelo exato entre o Édipo masculino e seu homólogo feminino. Não obstante, permanece uma simetria, uma vez que, nos dois sexos, o apego à mãe é o elemento comum e primeiro (Freud, 1925/1980).

Retornando ao texto supracitado, veremos que, nele, Freud nos chama a atenção para o fato de descrever os processos do Édipo no menino e por desconhecer o correspondente na menina (Freud, 1923 – 1924/1980). Fala-nos da percepção do menino, da distinção entre homens e mulheres, sem, entretanto, vinculá-la a uma diferença anatômica nos órgãos sexuais, uma vez que, para ele, todos possuem um órgão genital como o seu próprio, ou seja, não existem pessoas castradas. Esse órgão altamente excitável, rico em sensações, sempre impele o menino a novas pesquisas que o levaram a novas teorias sobre quem possui o pênis, quem o possuía e o perdeu e sobre aqueles que nunca o possuíram.

PSICANÁLISE PARA SIGMUND FREUD E MELAINE KLEIN

A entrada do complexo de castração, inerente à descoberta da vagina, modifica todas as ideias infantis sobre a universalidade da posse do pênis e transforma esse desejo em angústia. Todavia, para que possamos pensar no complexo de castração, é necessário que aceitemos a fase fálica como um momento de organização genital infantil: Parece-me, porém, que o significado do complexo de castração só pode ser corretamente apreciado se sua origem, na fase da primazia fálica, for também levada em consideração. (Freud, 1923- 1924/1980 p. 192).

Somente falamos em complexo de castração, quando a ideia de perda é vinculada aos órgãos genitais masculinos, mesmo conhecendo as diversas vivências de perdas anteriores suportadas pela criança. A criança não efetua, rapidamente, a perda da crença predominante de que essas pessoas do sexo feminino foram punidas com as perdas de seus órgãos sexuais. Posteriormente, ao se ocupar da origem e nascimento dos bebês, imagina que a mãe perde o pênis. A partir desse pressuposto, complexas teorias que relacionam o pênis aos bebês são construídas. O órgão genital feminino não parece ser descoberto em todo esse percurso: a primeira antítese se encontra na escolha de objeto, implicando uma diferenciação sujeito-objeto e não uma diferenciação com base na diferença anatômica pênis-vagina.

No estágio seguinte, o da organização genital infantil, surge a antítese entre ativo e passivo, que irá introduzir a noção de masculino, mas não de feminino. Somente na puberdade, após o desenvolvimento completo, a polaridade sexual coincide com o masculino e feminino (Freud, 1923-1924/1980).

Antes de comentarmos os textos que finalizam a construção do conceito de complexo de Édipo, mencionaremos, brevemente, o caminho percorrido por Freud, comentado por Mezan (1991): No contexto da primeira teoria da sexualidade, o termo Édipo sequer figurava, enquanto em 1920, a um passo da última inflexão decisiva do pensamento de Freud, o complexo já ocupava uma posição de destaque no conjunto da teoria (Mezan, 1991, p. 205).

Posteriormente, no fechamento do conceito de complexo de Édipo, Freud modifica a sua concepção desse complexo entre 1923 – 1925 em: *Algumas Consequências Psíquicas da Distinção Anatômica Entre os Sexos e A Dissolução do Complexo de Édipo no Menino e na Menina*. Daí para frente, irá se dedicar à questão da sexualidade feminina.

Algumas Consequências Psíquicas da Distinção Anatômica Entre os Sexos, Freud (1925/1980) nos aponta que o acesso às representações da vida sexual da

PSICANÁLISE PARA SIGMUND FREUD E MELAINE KLEIN

criança se deu pela investigação da criança do sexo masculino e que, somente por generalização, podemos supor uma semelhança na menina. Freud afirma que a vivência edípica é o primeiro estágio possível de ser identificado no menino, podendo, nele, reter o mesmo objeto inicial, a mãe. Além disso, mostra que a rivalidade com o pai já se encontra no próprio estado real de coisas, isto é, a situação triangular leva o menino a encarar o pai como rival e a tentar livrar-se dele, tomando-lhe o lugar. Salienta, porém, que devido à bissexualidade e à orientação passiva e ativa, o menino também deseja tomar o lugar da mãe.

Para Freud (1925/1980), existe um momento que ele denomina pré-história do Édipo, no qual a relação com o pai é dominada por um amor livre de qualquer rivalidade. O aparecimento do complexo de castração, induzido pela repressão às atividades masturbatórias da criança, é que introduz os sentimentos hostis e de rivalidade nesta relação.

Devemos salientar que Freud faz questão de frisar que a masturbação lhe parece espontânea na criança e que, só mais tarde, é vinculada ao complexo de Édipo. O combate à masturbação é vivido pela criança como uma repressão à sua atividade genital, tendo o mesmo sentido de ameaça de castração. Freud (1925/1980) nos indica que a cena primária não só serve como ponto de partida para o desenvolvimento sexual da criança, mas também que ela faz a ligação tanto com a masturbação quanto com as duas atitudes do complexo de Édipo, passiva e ativa. A cena primária é subsequentemente interpretada pela criança sob a forma de fantasias e teorias sexuais.

Podemos observar que Freud (1925/1980) nos aponta dois complicadores para o complexo de Édipo na menina: o primeiro, diz respeito ao fato de que a menina tem, assim como o menino, a mãe como objeto original, mas, ao contrário dele, não retém esse objeto original. O segundo, consiste no Édipo da menina ser uma formação secundária, o que demanda uma pesquisa da pré-história do seu complexo de Édipo.

PSICANÁLISE PARA SIGMUND FREUD E MELAINE KLEIN



Fonte: pt-br.aia1317.wikia.com

Toda a vivência da menina está, radicalmente, centrada no desejo pelo pai e de ter um filho com ele, sendo sua motivação masturbatória clitoriana ligada à sucção prazerosa presente desde o desmame. Freud salienta que o mais importante, psiquicamente, é a descoberta do órgão genital feita pela menina (Freud, 1925/1980), porque, a partir da observação do pênis, a menina vai lidar com a inveja do mesmo e com o complexo de castração. Ao contrário do menino que, ao observar os genitais de uma menina, nega o que vê, e, somente depois vai dar significação ao que observou. A menina reage de outra forma, entendendo que não tem o pênis e que quer tê-lo.

Uma outra manifestação é a recusa da menina em aceitar sua castração e, portanto, comportar-se como se fosse um homem. A inveja do pênis produz diversas consequências na sexualidade da menina, dentre as quais podemos citar: o sentimento de inferioridade, o aumento do ciúme e a alteração no sentimento afetivo com a mãe. Porém, a mais importante de todas essas consequências está na relação com a masturbação do clitóris, atividade masculina que não precisa necessariamente ser eliminada para abrir caminho para o desenvolvimento da feminilidade. Porém, a repressão da masturbação clitoriana soma-se ao sentimento de inferioridade da menina, resultante do complexo de castração, lançando-a no complexo de Édipo.

A menina, ao percorrer a equação pênis-bebê, transforma seu desejo de ter um pênis em desejo de ter um filho do pai, toma-o como objeto de amor, levando a mãe a tornar-se seu objeto de ciúme. Assim, podemos afirmar que o complexo de Édipo, na menina, é uma formação secundária, uma vez que o complexo de castração o precede e o prepara. Freud corrobora essa afirmação: Enquanto nos meninos o complexo de Édipo é destruído pelo complexo de castração, nas meninas, ele se faz

PSICANÁLISE PARA SIGMUND FREUD E MELAINE KLEIN

possível e é introduzido através do complexo de castração (Freud, 1924-1925/1980, pág. 318).

Fica claro que a vivência do complexo de castração, diretamente ligado à distinção anatômica entre os órgãos sexuais, leva a menina a viver a castração como consumada; ao contrário, o menino como apenas ameaça. Na menina, o complexo de castração trabalha a favor da feminilidade.

Mas, a consequência mais importante é que, no menino, a castração destrói o complexo de Édipo, suas catexias abandonadas são dessexualizadas e, em parte, sublimadas. Seus objetos são incorporados ao ego e fundam o núcleo do supereu, que é seu herdeiro.

Assim, dissolvido, o complexo de Édipo não subsiste nem no inconsciente (Freud, 1925/1980). Freud (1925/1980), a respeito do destino dado ao complexo de Édipo pela castração, afirma: (...) o processo que descrevemos é, porém, mais que uma repressão. Equivale se for idealmente levado a cabo, a uma destruição e abolição do complexo. (Freud, 1925/1980 p.221).

Nas meninas, não encontramos instrumentos para a destruição do complexo, já que a castração a lançou no Édipo. Resta à menina abandonar o complexo de Édipo lentamente, reprimi-lo ou deixá-lo persistir (Freud 1924-1925/1980).



Fonte: pt-br.aia1317.wikia.com

Recorremos ao texto, A Dissolução do Complexo de Édipo no menino e na menina (Freud, 1924/1980) para resumirmos os principais processos ocorridos nesse complexo. Nas palavras de Freud:

A observação analítica capacita-nos a identificar ou adivinhar essas vinculações entre a organização fálica, o complexo de Édipo, a ameaça de castração,

PSICANÁLISE PARA

SIGMUND FREUD E MELAINE KLEIN

a formação do supereu e o período de latência. Essas vinculações justificam a afirmação de que a destruição do complexo de Édipo é ocasionada pela ameaça de castração (Freud - 1924-1980, p. 222).

Porém, Freud percebe que a elucidação da vivência edípica e da sexualidade feminina não é satisfatória. Uma vez concluída a concepção de complexo de Édipo em *A Organização Genital Infantil* e em *A Dissolução do Complexo de Édipo no menino e na menina*, a partir daí, vai se dedicar à questão da sexualidade feminina. Em seu texto, *Sexualidade Feminina*, Freud (1931/1980) apresenta novas observações sobre o Édipo da menina e acrescenta algumas consequências desse na sexualidade feminina. Focaliza, principalmente, o fato de o desenvolvimento sexual feminino levá-la a abandonar sua primeira zona erógena, o clitóris, em favor da vagina.

E o fato de a mãe ser substituída pelo pai. Mostra-nos, também, que a menina vivencia com a mãe, no passado, laços exclusivos e de grande intensidade, o que desembocará em uma ligação mais intensa com o pai, no futuro. Salienta a importância da fase pré-edípica nas meninas e conclui a necessidade de ampliação do complexo de Édipo: Essa fase comporta todas as fixações que mais permitem remontar as origens das neuroses, podemos, portanto, ampliar o conteúdo do complexo de Édipo, de modo a incluir todas as relações da criança com seus genitores (Freud, 1931/1980, p. 201).

Sabemos que a ampliação do conteúdo e da duração do complexo de Édipo foi feita por Melanie Klein que, voltando-se para as vivências precoces dos primeiros meses da criança, desloca o complexo de Édipo e utiliza o termo pré-edípico. Freud nos afirma que o complexo de Édipo feminino seria, portanto, resultado de um desenvolvimento demorado e, não sendo destruído pelo complexo de castração, com frequência, não é superado pela mulher. Reconhecendo sua castração, a menina tem uma reviravolta em sua sexualidade. Insatisfeita com o clitóris, abandona sua atividade fálica e sua sexualidade. Contudo, pode também desenvolver sua masculinidade, levando-a a uma escolha homossexual de objeto.

Porém, a fase pré-edípica da menina é ainda mais presente na vida sexual da mulher, pois nela encontramos repetições de seu relacionamento com a mãe. A atitude hostil da menina para com a mãe não surge na rivalidade edípica. Presente no desmame, na educação esfinteriana e, sobretudo, no complexo de castração, esse sentimento traz vivências que persistem na sexualidade adulta das mulheres. Freud (1931/1980) cita o ciúme sedimentado em duas características do amor infantil: ser

PSICANÁLISE PARA SIGMUND FREUD E MELAINE KLEIN

ilimitado e incapaz de obter satisfação completa. Realça, mormente, os efeitos do complexo de castração na vida amorosa e sexual da menina. Freud (1931/1980) nos diz que a menina pode deparar-se com três possibilidades: a cessação de toda a vida sexual, a supervalorização e seu complexo de masculinidade ou o iniciar da feminilidade definitiva.

Do ponto de vista amoroso, a menina tem toda uma gama de motivos para se afastar da mãe – que não lhe forneceu o órgão sexual correto, o pênis; não a amamentou o suficiente (desmame); obrigou-a a dividir seu amor com os outros (ciúme); não atendeu suas expectativas de amor e, por fim, a mãe foi quem primeiro despertou sua atividade sexual (masturbação e cuidados higiênicos) e, depois, a proibiu. A tudo isso, somamos mais um fenômeno próprio dos relacionamentos objetais: a ambivalência de amor e ódio, características das primeiras fases da vida erótica (Freud, 1931/1980).

Finalizando, Freud (1931/1980), nos textos dedicados à sexualidade feminina, nos apresenta, pela primeira vez e de forma mais elaborada, a sexualidade pré-edípica na criança. Chama-nos a atenção, primeiro, para as experiências sexuais passivas vividas pela criança durante os cuidados maternos e na tentativa do bebê de tornar-se ativo nessas vivências e, em seguida, acentua as atividades sexuais em relação à mãe, manifestadamente nas suas inclinações orais e sádico-anais e, por fim, fálicas. Todavia, ao contrário do posterior pensamento de Melanie Klein, Freud insiste que essas atividades sexuais constituem impulsos instintuais obscuros e impossíveis de serem, psiquicamente, apreendidos pela criança, sendo, por ela, interpretados, posteriormente.

Neste capítulo, percorreremos a constituição do complexo de Édipo na obra freudiana, atravessando sua teoria da sexualidade, suas articulações com a acepção de família, iniciando com um breve histórico da família totêmica e passando à família edípica. Salientamos a importância de suas construções teóricas desde os romances familiares às teorias sexuais infantis, as recordações da infância transmutadas em lembranças e fantasias. Todo esse trabalho de construção teórica levou Freud a deixar clara a diferença entre a realidade psíquica e realidade, inclusive da vivência edípica e da família. Podemos afirmar, portanto, que a concepção freudiana de família e do Édipo leva a um enfoque simbólico desses constructos. Concordamos, inteiramente, com as palavras de Roudinesco que chama a atenção para a correlação entre o complexo de Édipo e a inscrição da família em uma nova ordem simbólica:

PSICANÁLISE PARA SIGMUND FREUD E MELAINE KLEIN

Para além do complexo e de suas derivações psicológicas contemporâneas, os heróis imaginados por Sófocles, Shakespeare e Dostoiévski, depois transferidos por Freud para o psiquismo individual, esclarecem um dos aspectos mais sutis da invenção psicanalítica: a correlação que ela estabelece, ao final do século XIX, entre o sentimento de declínio da função Paterna e a vontade de inscrever a família no cerne de uma nova ordem simbólica, encarnada não mais por um pai despojado de sua potência divina, depois revestido no ideal econômico e privado do pater famílias, mas por um filho que se tornou pai porque teria recebido como herança a grande figura destruída de um patriarca mutilado (Roudinesco, 2002, p. 86).

Sendo a família para Freud uma das grandes coletividades humanas da civilização, ela não pode se distanciar da natureza, a não ser afirmando a primazia da razão (cultura) e da lei do pai (simbólica) sobre essa mesma natureza.

O próximo capítulo discorrerá acerca do complexo de Édipo na teoria de Melanie Klein. Trabalharemos os conceitos kleinianos mais importantes na construção do complexo edipiano.

5 MELANIE KLEIN



Fonte: www.feministvoices.com

A psicoterapeuta austríaca Melanie Née Reizes, posteriormente conhecida como Melanie Klein, nasceu na cidade de Viena, no dia 30 de março de 1882. Era filha do médico Moritz Reizes, judeu de origem polonesa, provindo de Lemberg, situada na Galícia – descendente de família ortodoxa, rompe com ela e segue a

PSICANÁLISE PARA SIGMUND FREUD E MELAINE KLEIN

Medicina -, e de Libussa Reizes, fruto de um meio instruído e ilustrado, no qual preponderava a linhagem feminina, mas obrigada a trabalhar com a venda de plantas e répteis para ajudar na sobrevivência familiar.

Ela não foi uma filha muito esperada, nascendo depois de três filhos, em um ambiente dominado pelo desentendimento entre os pais. Sua mãe tinha uma natureza dominadora, e posteriormente transformaria o matrimônio e a vida familiar de Melanie em terrível suplício. Ela cresceu entre mortes e perdas dolorosas; aos quatro anos viu sua irmã Sidonie partir, vítima de uma tuberculose, com apenas 8 anos; aos 18 ela perdeu o pai, permanecendo sob o domínio materno; e quando ainda contava 20 anos de idade, Emmanuel, seu irmão preferido, com quem mantinha um relacionamento ambíguo, marcado por nuances incestuosas, faleceu ao não suportar mais a enfermidade, o peso das drogas e da angústia.

Estes desaparecimentos constantes deixaram como herança para Melanie um persistente sentimento de culpa, do qual se encontram traços em sua produção intelectual. Alguns estudiosos defendem que ela teria se casado pouco tempo depois da morte do irmão justamente por se sentir responsável por ela. Sua união com o engenheiro químico Arthur Klein, de personalidade severa, em 1903, pode também ter ocorrido por sua família estar enfrentando uma crise financeira, a mesma que teria motivado a jovem a abandonar o curso de Medicina, depois de se dedicar ao aprendizado de arte e história na Universidade de Viena. Outros estudiosos de sua vida alegam que ela teria realizado estes cursos depois da tentativa frustrada com a Medicina, que ela teria deixado ao se casar.

O trabalho de Arthur levava o casal a viagens constantes, durante as quais Melanie pode conquistar o conhecimento de diversos idiomas. O casal, depois de muitas desavenças, intensificadas pelas invasões da mãe dela, se divorciaria em 1926. Deste matrimônio nasceram três filhos: Hans, Melitta e Erich Klein, posteriormente conhecido como Eric Clyne, nascido no mesmo ano em que a tirânica genitora de Melanie morre, criança que ela viria a analisar, atribuindo a ela outra identidade, chamando-o de Fritz. Nesta mesma época, em 1914, ela entra em contato com a obra de Freud, mais precisamente com seu texto Sobre os Sonhos, ao mesmo tempo em que começa a fazer terapia com Sandor Ferenczi, a qual ela tem que suspender por causa da guerra. Em 1924 ela retomará esse processo, desta vez com K. Abraham, na cidade de Berlim, mas um ano depois ele falece, obrigando-a a prosseguir a análise em Londres, com Payne.

PSICANÁLISE PARA SIGMUND FREUD E MELAINE KLEIN

Incentivada por seu terapeuta, ela se devota ao tratamento de crianças. Em 1919 ela passa a integrar a Sociedade de Psicanálise de Budapeste, para onde havia se mudado com o marido, tentando salvar o casamento. Um ano depois ela conhece Freud durante o V Congresso da International Psychoanalytical Association (IPA), e neste mesmo evento toma contato com seu futuro analista e mentor, Karl Abraham, em Haia. Este novo amigo lhe propõe assumir um trabalho em Berlim, onde ela passa a residir depois que o marido segue para a Suécia, pois em Budapeste imperava então um avassalador movimento anti-semita.

O caso por ela apresentado diante da Sociedade Psicanalítica de Budapeste foi realizado com base na análise de seu próprio filho de cinco anos que, como dito acima, foi denominado Fritz. Uma interpretação mais completa desta ingerência deu origem ao seu primeiro artigo, transcrito no veículo “Internationale Zeitschrift für Psychoanalyse”. Ela se devotou completamente ao ofício psicanalítico a partir de 1923, aos 42 anos. Um ano depois Melanie expôs, no VIII Congresso Internacional de Psicanálise, o texto A técnica da análise de crianças pequenas, colocando em questão o conceito freudiano conhecido como Complexo de Édipo. Logo depois, em 1927, ela rompe com Anna Freud, dando origem assim a um grupo fundado por discípulos kleinianos na Sociedade Britânica de Psicanálise, da qual ela passou a fazer parte neste mesmo período.

Melanie passa a atuar também nos polêmicos debates sobre as questões sexuais femininas, quando as teorias freudianas passam a ser criticadas por Karen Horney. Em 1930 ela começa a se voltar para a análise de adultos, mas não abandona a preocupação com o universo infantil, lançando em 1932 a obra A psicanálise da criança, desenvolvendo em 1936 uma conferência sobre O desmame. Lançou também em 1937 o livro Amor, ódio e reparação, ao lado de Joan Rivière. Sua teoria foi produzida de 1942 a 1944, com a ajuda de seus seguidores.

Entre Anna Freud e Melanie Klein, considerada nada ortodoxa e rejeitada pelos psicanalistas vienenses, estava em jogo que psicanálise de crianças seria adotada – um burilamento das questões pedagógicas, como sustentava Anna, ou uma profunda investigação do mecanismo mental infantil desde o momento do nascimento, como desejava Melanie.

Esta controvérsia atingiu o auge quando foi proposta a exclusão dos discípulos de Klein da Sociedade Britânica de Psicanálise, a qual não é levada a efeito. Pouco antes, Melitta romperá com a mãe, Melanie, depois que esta começara a

PSICANÁLISE PARA SIGMUND FREUD E MELANIE KLEIN

reproduzir com a filha o mesmo papel que sua genitora desempenhara com ela, episódio que repercutiu na sua esfera profissional, pois o terapeuta de Melitta, Edward Glover, manipula a situação para se afirmar teoricamente diante de Melanie, uma vez que integravam escolas distintas e adversárias. A Fundação Melanie Klein é instituída em 1955, mesmo ano em que ela lança o texto *A técnica psicanalítica através do brinquedo*; sua história, sua significação, elaborado a partir de uma conferência realizada em 1953.

No dia 22 de setembro de 1960 Melanie morre, vítima de um câncer no cólon, aos 78 anos, sem reatar com a filha.

6 MELANIE KLEIN: O COMPLEXO DE ÉDIPO E A ACEPÇÃO DE FAMÍLIA

6.1 O Primeiro Ano De Vida: Phantasia, Imago e Imaginário.

Neste capítulo, debruçar-nos-emos sobre o conceito de complexo de Édipo na obra de Melanie Klein, que se distingue do conceito freudiano pela sua precocidade e duração. Explicaremos a relação entre os conceitos kleinianos de phantasia, imaginário e imago com a construção do conceito de complexo de Édipo. Indicaremos a importância das posições esquizo-paranoide e depressiva no desenvolvimento deste último conceito, dentro da teoria kleiniana.

Para entendermos o conceito kleiniano de complexo de Édipo, construindo a ideia de família, é necessário que se esclareçam alguns constructos teóricos, básicos de sua obra.

Melanie Klein fundamenta suas ideias sobre o Édipo em algumas premissas novas e que diferenciam o seu pensamento, divergindo-o da teoria freudiana.

Trataremos, neste capítulo, da sistematização da teoria kleiniana, substancialmente ancorados no texto: *Algumas Conclusões teóricas sobre a vida emocional dos bebês* (Klein, 1931/1982), no qual a autora, pela primeira vez, organiza suas ideias teóricas presentes em textos anteriores. Daremos destaque ao aparecimento precoce do complexo de Édipo, sua ligação com as relações objetais pré-genitais vivenciadas sobre a égide do sadismo oral, anal e fálico.

Para isso, discutiremos o imaginário e a concepção das Phantasias Inconscientes, conceitos fundamentais para se compreender a obra kleiniana. Salientamos o retorno ao conceito freudiano de pulsão de morte, que ocupa lugar

PSICANÁLISE PARA SIGMUND FREUD E MELAINE KLEIN

proeminente no pensamento da autora, bem como na estruturação do conceito de Édipo e do supereu precoce. Por fim, mostraremos as implicações do supereu nas relações objetais parciais e totais da criança e, conseqüentemente, na vivência familiar, apresentando a sistematização de suas ideias por intermédio das duas posições, esquizo-paranoide e depressiva, que dão a consistência e o desfecho teórico de sua obra.

Interessada na origem das psicoses e nas relações arcaicas com a mãe, Melanie Klein aborda a criança pelo material já recalçado, o que se tornou possível criando a cura pelo brinquedo. Demonstrando a possibilidade da transferência infantil, da precocidade do supereu, Klein busca acesso à vida “imaginária” da criança, suas imagos, phantasias e objetos parciais.

A problemática da phantasia inconsciente é um dos pontos principais da obra kleiniana. É por meio desse conceito que podemos unificar os múltiplos aspectos, tanto teóricos quanto práticos de sua obra. Definida como expressão psíquica das pulsões, sua função estruturante estende-se a toda vida psíquica. Adotando a grafia phantasia, Klein sugere não apenas a conotação psicanalítica do termo, mas, principalmente, a evolução de seu sentido em sua obra. Mantendo a palavra fantasme a acepções comuns – sonhos, devaneios, imaginação – a escola Kleiniana utiliza a grafia Phantasme para marcar melhor o significado psicanalítico do termo: O termo psicanalítico phastasme designa essencialmente o conteúdo psíquico inconsciente, que pode ou não se tornar consciente (Klein, 1921/1979). Para melhor compreendermos os conceitos de família, de phantasia e suas correlações, citemos Susan Isaacs em seu texto: “A Natureza e a Função da Phantasia”:

Os primeiros processos mentais, os representantes psíquicos dos impulsos instintuais libidinais e destrutivos, têm que ser encarados como primórdios das phantasias. No desenvolvimento psíquico da criança, porém, a phantasia cedo se converte também em um meio de defesa contra as ansiedades, em um meio de inibir e controlar os impulsos instintivos, assim como expressão de desejos reparadores. A relação entre phantasia e a realização de desejo sempre foi sublinhada, todavia, nossa experiência também nos mostrou que a maioria das phantasias, como os sintomas, servem a outros propósitos, tais como: a negação, a renovação da segurança, o controle onipotente, a reparação, etc. (Isaacs, 1921/1970, p. 97).

Temos algumas observações importantes para a compreensão do conceito de phantasia. Mesmo reduzida à sua dimensão inconsciente, a phantasia estende-se

PSICANÁLISE PARA SIGMUND FREUD E MELAINE KLEIN

a áreas diversas a sua origem. Não somente a tudo que pertence à vida pulsional, mas, inclusive, a todas as pulsões; a Phantasia mantém ainda relação com os objetos e se insere na cultura. E, não menos importante, é o fato de que a phantasia possui uma objetividade própria, uma realidade psíquica incontestável (Klein, 1921/1970). Na definição de Susan Isaacs:

A diferença entre o normal e o anormal reside na maneira como as phantasias inconscientes são administradas, nos processos psíquicos específicos por meio das quais são elaboradas e modificadas; e no grau de gratificação direta ou indireta no mundo real, no grau de adaptação a esse mundo, que esses mecanismos permitem (Isaacs, 1921/1970, p. 66).

A phantasia situa-se, portanto, na interação de uma realidade interna e de uma experiência efetiva, porém, reduzida, de início, da realidade externa. Constituindo a linguagem fundamental dos impulsos instintuais, a phantasia está sujeita, como tal, ao princípio de prazer, ao processo primário, regente de todas as produções do inconsciente.

Por fim, necessitamos esclarecer, rapidamente, as relações entre a phantasia e os mecanismos psíquicos. Os kleinianos privilegiaram, como formadores do ego, a introjeção e a projeção, porém, realçam que não há mecanismos ou processos psíquicos que não sejam vividos como Phantasia. É ela que opera a transformação da pulsão em processo e mecanismo psíquico, dando-lhes representação, entretanto, às custas do apagamento do objeto real.

Para finalizar, não podemos deixar de trazer alguns esclarecimentos a respeito dos conceitos de Imago e de Imaginário. Ambos os constructos teóricos trazem diferenças com as concepções tanto freudianas como lacanianas.

O imaginário Kleiniano é constituído por um conjunto de objetos internos, denominados de Imago. Encontramos, no Dicionário de Psicanálise de Roudinesco, o seguinte verbete: Imago: termo derivado do latim (imago: imagem) introduzido por Carl Gustav Jung em 1912, para designar uma representação inconsciente através da qual o sujeito designa a imagem que tem de seus pais (Roudinesco, 1998).

Melanie Klein define imago como constituído pela phantasia inconsciente a qual se acoplam à demais representações afins com a pulsão a ela ligada. Este conjunto de representações, que tem como núcleo a Phantasia inconsciente primeira, é designado como objeto interno. Para Klein, os inúmeros objetos internos se relacionam e se influenciam mutuamente, constituindo um mundo interno próprio a

PSICANÁLISE PARA SIGMUND FREUD E MELAINE KLEIN

que chamamos de Imaginário. Portanto, o imaginário kleiniano, obedece às leis do inconsciente. Os conceitos de imago e imaginário são necessários para a nossa tarefa de sistematizar os conceitos de complexo de Édipo e de família, na obra de Melanie Klein.

6.2 Os primeiros estádios do conflito edipiano

Para a psicanálise, o complexo de Édipo, além de importante conflito estruturante da criança e da passagem para a maturidade, é o “ponto nodal” a partir do qual se organizam as relações que constituem a família. Já salientamos que, para Freud (1924/1980), é no apogeu da sexualidade da criança, a fase fálica, que se situa o advento do complexo de Édipo. Esta vivência é finalizada pelo complexo de castração e a subsequente introjeção da lei paterna na forma de supereu.

A contribuição de Melanie Klein ao conceito de complexo de Édipo, bastante profícua, baseia-se em uma tríplice ordem de ideias convergentes. A autora assevera o aparecimento precoce do complexo de Édipo, a conseqüente formação do supereu e o aparecimento inevitável da angústia e da culpa, conseqüências das tendências edípicas orais e anais sádicas, nos primeiros anos de vida. Assegurando-nos a existência de tendências genitais ativas, vividas e experimentadas sob o signo da libido oral e estreitamente ligada a desejos e fantasias uretrais e anais, ela nos esclarece o papel decisivo das fantasias pré-genitais na constituição das relações objetais e da família (Klein, 1921/1970).

Porém, é necessário esclarecer que o termo precocidade (früh) traz um sentido especial. Não designa ou significa a conotação do demasiado cedo, mas a expressão da prematurização fundamental da criança, já citada por Freud, como podemos verificar de acordo com Pontalis:

Os conflitos da infância vêm sempre demasiado cedo; são sempre desproporcionais em relação ao estado de impotência da criança no início de sua vida, num período em que lhe é preciso ao mesmo tempo assegurar-se uma unidade funcional e um domínio do corpo que a vida intrauterina não lhe garantiu (Pontalis. J, B, 1965, p. 215).

Contudo, mesmo neste ponto de vista, Melanie Klein assegura inovações atribuindo à criança de tenra idade um ego mais organizado, capaz de mecanismos

PSICANÁLISE PARA SIGMUND FREUD E MELAINE KLEIN

que fazem frente à angústia e à culpa e ainda promover, muito cedo, relações de objeto, tanto no plano da fantasia, quanto no da realidade.

Foi, no ano de 1926, que Melanie Klein anunciou de maneira clara, pela primeira vez, a ideia de que os fenômenos descritos por Freud sob o nome de complexo de Édipo sinalizaram a finalização de um processo iniciado em fases anteriores à fase genital propriamente dita, remontando aos primeiros momentos da organização genital infantil. Em suas palavras:

Os fenômenos típicos e definidos, cuja existência podemos reconhecer sob sua forma mais clara e mais desenvolvida quando o complexo de Édipo atinge o apogeu, e que precedem o declínio deste complexo, são apenas o resultado de uma evolução que se estende por anos (Klein 1926/1970, pág. 171).

Através da técnica do brinquedo, Melanie Klein pôde observar manifestações específicas nas quais a criança expressa sua dificuldade para viver e se adaptar: acesso de angústia, receios noturnos, inibições no brincar, dificuldades alimentares, suas incapacidades de suportar frustrações, sua ambivalência. Todas essas manifestações são elaborações neuróticas do conflito edipiano e da culpa presente em suas relações objetais (Klein, 1928/1970).

Porém, o mais importante é que a vivência e os conflitos primitivos que antecedem o complexo de Édipo afetam, particularmente, a relação materna. Propondo, como elemento desencadeador do complexo, a dupla frustração imposta à criança pela mãe, o desmame e o aprendizado da limpeza, frustrações orais e anais, Melanie Klein assegura que há um abalo na relação positiva com mãe. Não há apenas, como no complexo de castração em Freud, uma hostilidade da criança para com a mãe, mas uma percepção da mãe como castradora. O que é sustentado no trecho: (...) é ela, que tanto quanto o pai, quem, como castradora no plano oral e anal, inspira grande temor como castradora no plano genital (...) (Klein, 1926/1970, pág. 267).

Porém, para entendermos essa afirmação, devemos elucidar as ideias de Melanie Klein sobre os efeitos e sentimentos sádicos suscitados na criança pelas privações orais e anais impostas pela mãe durante o desmame e os ritos de limpeza. Essas causas são, é claro, apenas externas, porém, para a autora, a principal origem da hostilidade encontra-se no nível pulsional: na pulsão de morte. Vê-se como Melanie Klein adota a ideia de pulsão de morte, recuperando a contribuição freudiana: Não é, em primeiro lugar, a frustração que gera o sadismo, ele é o próprio irreduzível a

PSICANÁLISE PARA SIGMUND FREUD E MELAINE KLEIN

qualquer aproximação histórica do indivíduo, que provoca a frustração sob sua forma primeira (Klein, 1931/1982, p. 80).

Portanto, sua conclusão é clara, o aparecimento do sadismo oral, precoce e violento, indica a força dos componentes pulsionais destruidores. Conseqüentemente, o pensamento kleiniano situa a oposição pulsional entre libido e a pulsão de morte no próprio centro de sua concepção dos primeiros conflitos infantis e das angústias ligadas a ele. Logo, na reflexão kleiniana, a angústia é a reação imediata da pulsão de vida à ação destruidora da pulsão de morte. Divergindo de Freud, Klein afirma que a angústia humana mais fundamental não é o medo de castração, mas o medo de sua própria destruição, a angústia de morte (Klein, 1928/1970).

Para nossa finalidade, explicitar a aceção de família, na obra de Melanie Klein, enfatiza a importância da teorização da angústia de morte e seus efeitos nas relações objetais familiares da criança. Sendo possuidora de um ego frágil, a criança só tem uma defesa frente a este sentimento de morte: a projeção, permitindo, assim, a troca dos perigos internos pelos externos. Para Melanie Klein, as primeiras experiências do bebê e a presença da mãe inauguram, desde os primeiros meses, uma verdadeira relação de objeto. Objeto parcial, é verdade, e por isso mesmo receptor em separado das projeções da pulsão de vida (objeto bom) e da pulsão de morte (objeto mau). São noções complexas que não cabe, aqui, estudá-las em detalhes, porém, é importante ressaltar que se trata de um jogo sutil que produz, no decorrer do desenvolvimento, equivalências simbólicas entre os objetos.

Portanto, o sadismo infantil e as fantasias em que se manifestam, determinam profundamente o acesso da criança à realidade, à mãe e à família. O mundo não é para a criança mais do que a ordem psíquica, sucedânea da ordem real, suprimindo, de certo modo, a distância existente entre a coisa e sua representação e Sua hostilidade dirigida a seus familiares tem, a seu ver, um alcance real e afeta, verdadeiramente, os objetos do mundo (Klein, 1931/ 1982).

Não há dúvida de que essa indistinção entre o psíquico e o real faz referência ao imaginário, e, mesmo quando Melanie Klein pensa sua teoria do simbólico, não consegue desconectá-la da fantasia. Para ela, o simbólico é o fundamento de toda sublimação, na medida em que é pela assimilação simbólica que se coloca uma relação de analogia entre as coisas, as atividades e os interesses muito diversos, que acabam se estruturando em fantasias inconscientes. O inconsciente se estrutura como fantasias.

PSICANÁLISE PARA

SIGMUND FREUD E MELAINE KLEIN

Por conseguinte, o complexo edipiano se instaura sob o total domínio do sadismo. O momento do desenvolvimento em que as tendências edipianas entram em ação é o mesmo em que o sadismo infantil atinge seu ponto culminante. Em suas fantasias iniciais, o complexo de Édipo se apresenta, essencialmente, como uma estrutura relacional, na qual predominam o ódio e a hostilidade oral e anal, uma vez que, apesar de o Édipo assinalar o estabelecimento da genitalidade, essa se encontra estritamente inserida em fantasias pré-genitais. Dessa forma, o conflito edipiano coloca a criança em uma situação de contradição e ambivalência. Isso significa que, desde cedo, o processo de interiorização está ativo: o seio materno, representante da mãe; o pênis paterno, imago do pai, ou os pais juntos, que constituem os primeiros objetos internos que passam a governar o acesso ao real.

A introjeção desses objetos dá origem ao superego infantil, sendo assim, não é difícil entender a crueldade desse superego formado por representações imaginárias dos objetos reais. As projeções da pulsão de morte, deformando os pais reais, dão ao superego um aspecto fantástico e irreal, carregado de hostilidade e fantasias de ataque e retaliação à criança.

6.3 O Complexo de Édipo no menino e na menina

Trabalharemos as relações do complexo de Édipo com a angústia e com o sadismo na criança de ambos os sexos. Porém, temos como principal objetivo ressaltar que Melanie Klein produz uma leitura do complexo de Édipo, na menina, diferente do modo de entender freudiano.

Anteriormente, deixamos claras algumas contribuições da autora ao conceito de complexo de Édipo em Freud. A precocidade tanto do superego quanto do complexo edipiano é, sem dúvida, a mais importante. Contudo, as descobertas de Melanie Klein vão ainda mais longe:

Mostram que o sentimento de culpa associado às fixações pré-genitais já é efeito direto do complexo de Édipo (...) sabemos que o sentimento de culpa é, na realidade, um resultado da introjeção (já realizada ou, acrescentaria eu, ainda em processo de realização) dos objetos de amor edípico, isto é, o sentimento de culpa é produto da formação do superego (Klein, 1921/1970 p. 254).

Portanto, podemos concluir que, para Melanie Klein, a severidade do superego infantil está intrinsecamente ligada à conexão entre a sua formação e as fases pré-

PSICANÁLISE PARA SIGMUND FREUD E MELAINE KLEIN

genitais do desenvolvimento. Não menos importante é a habilidade do ego da criança, quando do aparecimento das tendências edípicas, nas fases oral-sádica e anal-sádica, pois a criança, ainda não desenvolvida intelectualmente, fica exposta a uma grande quantidade de problemas e interrogações. Sem respostas, é desenvolvido um sentimento precoce de não-saber, que, além de outras conexões, acentua o complexo de castração. Tudo isso leva à ativação da pulsão epistemofílica que, carregada de sadismo, é dirigida pelo Édipo, principalmente ao corpo da mãe. Como consequência, a criança, de ambos os sexos, desenvolve forte identificação precoce com a mãe, o que constitui o eixo da fase feminina no complexo de Édipo, tanto na menina quanto no menino.

O exame mais detalhado dessa fase feminina nos mostrara como se dão as relações objetais da criança, tanto com seus pais imaginários quanto com os pais reais.

Melanie Klein, ao contrário de Freud, tem acesso primeiro ao complexo de Édipo da menina, observado na análise de Rita, que confirma o aparecimento precoce do Édipo e suas relações com o sadismo, a angústia e o supereu. A partir do atendimento clínico de Rita, frustração oral do desmame, fase inicial do complexo positivo; na primeira metade do segundo ano, seu recalque, o surgimento do complexo negativo, na segunda metade do segundo ano; e a fase final de retorno do complexo positivo, com o aumento das pulsões libidinais genitais, coincidindo com o momento do complexo de Édipo clássico, descrito por

Freud. Podemos observar, então, que Klein descreve três longas etapas da vida edípica (Segal, 1964).

O pensamento kleiniano do Édipo arcaico tem como consequência, além de seu aparecimento precoce, a revisão total da teoria freudiana da sexualidade feminina, nova interpretação da inveja do pênis e a introdução de um complexo de feminilidade do menino semelhante ao complexo de masculinidade na menina. Toda essa mudança nos indica que também as relações objetais, formadoras da família, necessariamente, precisavam de nova reinterpretação.

Em sua Conferência proferida em 1924 em Salzburg, Melanie Klein afirma: Considero a privação do seio como a causa mais fundamental do voltar-se ao pai. É claro que se refere a ambos os sexos, mas realça, aqui, o primeiro estágio do complexo de Édipo feminino iniciar-se a partir do desmame. A esse fato fundamental do pensamento kleiniano sobre o complexo de Édipo são acrescidos, nos anos de

PSICANÁLISE PARA SIGMUND FREUD E MELAINE KLEIN

1923 a 1927, elementos adicionais que exporemos, aqui, de maneira sucinta. As frustrações orais somam-se às frustrações anais, vivenciadas na educação de higiene, aumentando o ódio à mãe e incrementando o movimento de se voltar para o pai. Klein nos indica que as pulsões genitais surgem a partir da segunda metade do primeiro ano de vida e, principalmente, que a libido da menina pequena não é de início masculina ou fálica como propõe Freud, e sim, dotada de um alvo especificamente feminino e receptivo; o que demonstra a proximidade do alvo da libido oral e o da genital. Esse deslocamento é, extremamente precoce, presente desde o aparecimento das primeiras pulsões genitais, libido indispensável para que ocorra o voltar-se para o pai e o desencadeamento do Édipo. E, a partir desse momento, as pulsões genitais femininas são acompanhadas de um conhecimento inconsciente da vagina e da sua função receptiva (Klein, 1928/1970). Quanto às relações com a mãe e o pai, Melanie Klein é mais uma vez incisiva. Para ela, o substituto do seio da mãe é claramente o pênis do pai, em coito oral com um alvo receptivo comum à vagina e à boca. Por isso, Klein afirma que as primeiras pulsões edípicas têm um caráter, simultaneamente, oral e vaginal. E esse caráter misto, oral e genital, que está presente na primeira posição de rivalidade com a mãe, que é tida como a possuidora do pênis do pai, é alvo do ódio e da inveja da menina.

Aqui, Melanie Klein lança mão da ideia freudiana das teorias sexuais infantis. É a teoria do coito oral, que canaliza a inveja e o ódio à mãe. Pois ela é fantasiada incorporando o objeto, o pênis do pai, que agora a menina deseja. Esta hostilidade aparece como fantasias sádicas pré-genitais organizadas pelas teorias sexuais, nas quais as tendências edípicas têm lugar de destaque e adquirem seus elementos sádico-oral e anal.

Nas palavras de Melanie Klein:

A identificação da menina com a mãe provém diretamente das tendências edípicas (...) esta identificação coincide com as tendências sádico-anais de roubar e destruir a mãe. Os estágios iniciais do conflito edípico acham-se tão fortemente dominados pelas fases pré-genitais, que a fase genital, quando entra em atividade, permanece, de início, dissimulada sobre um véu espesso; só mais tarde, entre os três e os cinco anos, torna-se mais claramente reconhecível (Klein, 1928 – pág. 43).

Passemos, agora, à segunda fase do complexo de Édipo feminino, que se caracteriza pelo abandono do pai e o retorno à mãe e que tem como causa a convergência de vários fatores. Acompanhando o pensamento kleiniano, podemos

PSICANÁLISE PARA SIGMUND FREUD E MELAINE KLEIN

notar que, neste momento, segunda metade do segundo ano, a relação das forças é favorável às relações sádico – orais e sádico-anais, que acaba por encobrir a libido genital. O elevado grau de sadismo leva à introjeção de objetos, fantásticamente, deformados, que dão realismo aos ataques imaginários dos quais a criança se vê vítima.

Estabelece-se, segundo Melanie Klein, um “círculo do mau”, no qual a criança se vê atacada e ataca objetos reais e imaginários (Klein, 1928/1970). Toda essa vivência persecutória produz um alto grau de angústia na menina e a leva a abandonar a primeira posição feminina, por volta dos quinze a dezoito meses, e equivale à angústia de castração do menino. A intensa angústia da menina é análoga, poder-se-ia dizer, ao medo de castração do menino, já que ela desempenha, certamente, um papel na repressão de suas tendências edípicas (Klein 1947/1968, p. 248).

Expusemos os fatores que Melanie Klein propôs para o afastamento da mãe e a conseqüente busca do pai como o objeto de desejo genital. Falamos, também, do abandono do pai e a volta da menina à mãe, produzidos pelas relações de frustração, ódio e inveja com a genitora, reparados pela libido genital.

Outro fator que leva ao abandono da primeira relação edípica da menina é a frustração dos desejos orais e genitais pelo pai. A maneira como essa frustração é elaborada está, diretamente, ligada à boa elaboração da frustração oral ocorrida no desmame. Portanto, Klein, conclui que a primeira relação pré-edípica com a mãe influencia muito na relação edípica arcaica com o pai. A decepção dos desejos incestuosos da menina acarretará no abandono do pai, assim como a frustração do desmame acarretou, alguns meses antes na rejeição da mãe, enquanto objeto, e o movimento libidinal dirigido ao pai.

Quando confluem estes dois processos, terror pela mãe introjetada e decepção com o pai, a menina inverte a posição inicial e entra na segunda fase de seu desenvolvimento edípico. Afasta-se do pai, agora rival, e aproxima-se da mãe novamente, objeto genital. Como vimos em Freud, esse é o momento em que se instala o complexo de castração e a subsequente inveja do pênis.

J. Laplanche e J. B Pontalis, apresentam o momento supracitado do seguinte modo: na menina, a ausência de pênis é sentida como um dano sofrido que ela procura negar, compensar ou reparar (Laplanche, Pontalis, 1970, p. 74).

Esses autores definem a inveja do pênis da seguinte forma:

PSICANÁLISE PARA SIGMUND FREUD E MELAINE KLEIN

Elemento fundamental da sexualidade feminina e mola real de sua dialética. A inveja do pênis nasce da descoberta da diferença anatômica entre os sexos: a criança do sexo feminino sente-se lesada relativamente ao rapaz e deseja possuir um pênis como ele (complexo de castração). Esta inveja do pênis assume, no decorrer do Édipo, duas formas derivadas: desejo de adquirir um pênis dentro de si (principalmente sob a forma de desejo de ter um filho), desejo de fruir do pênis no coito (Laplanche, Pontalis, 1970, p. 136).

Com Melanie Klein, ótica distinta pode ser adotada. Para ela, a menina não ignora a existência da diferença dos órgãos sexuais. Ela possui o conhecimento da vagina de forma inconsciente, por tê-lo reprimido na fase fálica. O estágio fálico não corresponde, na menina, ao apogeu e declínio do Édipo, mas, sim, ao declínio da primeira posição feminina. Nesta fase, diz Melanie Klein, encontramos o entrecruzamento de duas linhas de desenvolvimento: o desenvolvimento edipiano decorrente das pulsões genitais e a hostilidade presente, neste complexo, advinda das pulsões sádico-oral e sádico-anal organizados pelo complexo de Édipo que acabam por submergi-lo.

Citaremos Hanna Segal para melhor esclarecer o lugar da fase fálica no pensamento Kleiniano:

Vindo após a primeira posição feminina, a fase fálica da menina não é manifestação das tendências genitais infantis, mas, ao contrário, revela a sua primeira repressão, a fonte pulsional deste primeiro período do Édipo negativo deve ser buscada nas tendências sádicas que presidem a formação do supereu arcaico (Segal, 1964, p. 109).

Melanie Klein demonstra que a entrada da menina na fase fálica tem como consequência a derrota de seu erotismo genital infantil. Não obtendo satisfação real com o pênis do pai, menos ainda com seus desejos de maternidade, a menina decepciona-se com o erotismo genital, renovando suas frustrações originadas no desmame. Concomitantemente, as tendências sádico-orais e sádico-anais atingem seu ápice. Esse conjunto de fatores leva a menina a afastar-se do pai que a frustra; a religar-se à mãe real para apaziguar a cruel mãe introjetada. (Klein, 1947/1968).

Importante comentar aqui, novamente, como Melanie Klein utiliza os registros do imaginário e do real para explicar as relações objetais da criança, ora com seus objetos internos imaginários, ora com seus pais reais.

Contudo, continuemos a acompanhar a fase fálica da menina. Nessa vivência, a menina, tendo se aproximado da mãe, passa a desejar possuir seu pênis não só como objeto “roubado” do corpo materno, mas, principalmente, para, com ele, satisfazê-la e oferecer-lhe os bebês, como o pai. Portanto, a fase fálica caracteriza-se

PSICANÁLISE PARA SIGMUND FREUD E MELAINE KLEIN

por um complexo de Édipo invertido. Posteriormente, é preciso que a menina renuncie a sua masculinidade para alcançar o Édipo. Isso significa abandonar novamente sua identificação com o pai e voltar-se para ele como o objeto que se deseja amar e pelo qual deseja ser amada. Como consequência desse movimento, surge a rivalidade com a mãe. Esta rivalidade edipiana tardia com a mãe não produz a introjeção de um superego ameaçador, mas sim, de um ideal, no qual a dimensão destrutiva passa para um segundo plano. Sendo que, para Klein, o superego vai acompanhar, doravante, os três níveis sucessivos do complexo de Édipo, como afirma Klein:

Da identificação arcaica com a mãe, na qual o plano sádico-oral é tão preponderante, desenvolve-se, na menina, ciúme e ódio e se constitui um superego cruel, segundo a imago materna (...) Quanto mais a identificação com a mãe se estabelece em uma base genital, tanto mais se caracterizará pela devoção e bondade de uma mãe ideal e generosa (Klein, 1947/1968, p. 127).

Nessa perspectiva, Melanie Klein vincula os aspectos hostis do complexo de Édipo tardio a elementos sádicos herdados dos dois momentos edipianos anteriores. E, a partir daí, adere quanto ao essencial da descrição freudiana sobre o apogeu e declínio do complexo de Édipo da menina.

Demonstraremos, agora, como se processa, para Melanie Klein, o desenvolvimento do complexo de Édipo no menino. A autora nos afirma que, da mesma forma que no complexo de castração da menina, também no complexo feminino dos meninos, há o desejo frustrado de um órgão especial. O menino inveja os órgãos de concepção, gravidez e parto que pensa existirem na mãe, juntamente com os seios já cobiçados na fase oral. Vivendo essa relação de cobiça sob a égide do sadismo, suas fantasias são de ataque e roubo ao corpo materno, temendo, portanto, o castigo de ataque e roubo a seu próprio corpo, e esse temor é associado por Melanie Klein à angústia de castração, uma vez que a posição genital e a vivência edípica estão, desde o princípio, entrelaçadas e mescladas com múltiplas tendências pré-genitais.

O menino, sob o domínio do desejo de ter um filho e do impulso epistemofílico, reage supervalorizando o pênis, e desenvolve intensas manifestações de masculinidade. Podemos afirmar que, no sistema kleiniano, assim como a menina, o menino é levado, pelo temor da mãe-introjetada, a adotar uma posição masculina em função da repressão de seu complexo feminino. Posição que será mantida no

PSICANÁLISE PARA SIGMUND FREUD E MELAINE KLEIN

momento do Édipo clássico. Melanie Klein, em seu texto, *Essais de Psicanalyse*, afirma:

A prioridade da posição masculina do menino é afirmada (...) as tendências liberadas em consequência da frustração que a criança sofre com o desmame (...) e que são reforçadas pelas frustrações anais sofridas durante a aprendizagem dos hábitos higiênicos. O menino, ao sentir-se obrigado a abandonar as posições orais e anais pela posição genital, toma como objetivo a penetração associada à posse do pênis. Assim, modifica não apenas a sua posição libidinal, mas também seu objetivo, e isto lhe permite manter o seu primeiro objeto de amor (Klein, 1947/1968 p. 237).

Acompanhando o desenvolvimento do sistema kleiniano, podemos observar que, no final da obra de Melanie Klein, a posição edípica inicial do menino é uma posição feminina, e que o modelo, construído em 1924 para a menina, é aplicável ao menino. Consequentemente, devemos comentar que, ao contrário de Freud, Klein teoriza primeiro o complexo de Édipo na menina. Inverter a perspectiva habitual que consiste considerar o Édipo feminino como uma forma modificada e incompleta do Édipo, no menino, é uma das particularidades da visão kleiniana, deste complexo.

Para melhor compreendermos a vivência edípica do menino, precisamos salientar dois pontos em que Melanie Klein insiste: primeiro, a contemporaneidade das fases femininas dos dois sexos, sendo a feminina, no menino, secundária no plano causal, o que produz um acavalamiento confuso no complexo de Édipo masculino. Segundo, que essa fase feminina no menino é essencial no complexo de Édipo masculino e consiste numa posição de rivalidade com a mãe, exatamente idêntica em conteúdo à da menina, sendo permeada pelas mesmas fantasias sádico - orais e sádico – anais (Klein, 1928/1970).

Nesse momento, temos, no pensamento kleiniano sobre o complexo de Édipo novas contribuições que terão consequências diversas, sendo, a mais importante, a forma de pensar a sexualidade, principalmente a feminina. Melanie Klein afirma:

Nesta posição feminina, o menino sofre uma frustração irremediável de seu desejo feminino de maternidade, frustração que está na sua origem do complexo de feminilidade dos homens. Assim como a mulher que jamais renuncia, no seu inconsciente, a inveja do pênis, o homem também jamais renuncia a sua inveja à maternidade (Klein, 1947/1968 p. 264).

Como já comentamos, o deslocamento da inveja da maternidade para o desejo de paternidade é acompanhado de uma supervalorização do papel viril e do pênis. O menino entra na fase fálica e passam a predominar as pulsões genitais, com

PSICANÁLISE PARA SIGMUND FREUD E MELAINE KLEIN

consequente decréscimo do sadismo pré-genital. Vamos acompanhar as palavras de Hannah Segal, no texto, “Os Estádios Primitivos do Complexo de Édipo”:

Porém, diferentemente da menina, o menino encontra, ao longo desta fase (fálica), simultaneamente, satisfações autoeróticas e narcísicas poderosas na posse de um pênis, enquanto que a presença real e facilmente verificável desse órgão permite apaziguar os temores de destruição da mãe introjetada, e depois à medida que a nova posição masculina se afirma, os temores de castração do pai introjetado. A fase fálica permite ao menino obter um equilíbrio satisfatório no qual manterá até o período de latência: a descrição kleiniana encontra, aqui, a descrição clássica de Freud (Segal, 1964, p. 120).

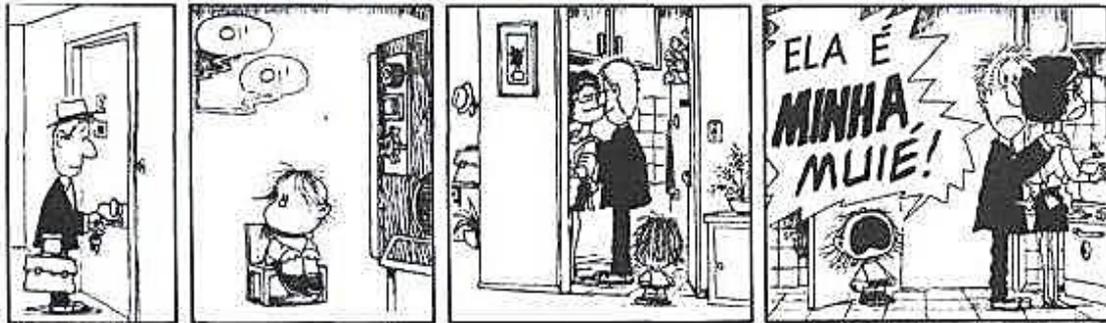
Concluimos, portanto, seguindo a construção teórica Kleiniana para o complexo de Édipo no menino, que a vida afetiva e familiar se desenvolve, para ele, mais centrada na mãe, imaginária ou real, do que no pai.

A concepção kleiniana do Édipo caracteriza-se, portanto, por um alargamento considerável do campo de fenômenos associados a esse complexo. Longe de ser reduzido a uma manifestação contemporânea da fase fálica, a uma crise breve e intensa, o complexo de Édipo torna-se um processo ordenado, com duração de anos, e engloba a totalidade do desenvolvimento da criança, entre os desmame e o período de latência.

Devido à riqueza, intensidade e duração, o complexo de Édipo, segundo Klein, é organizador das pulsões pré-genitais e se associa a quase todos os processos da vida psíquica da criança. Também a evolução do supereu, estritamente ligado ao complexo de Édipo, tem suas interações esclarecidas com o desenvolvimento do ego, com as relações objetais e com a realidade.

Finalizaremos, chamando a atenção para dois aspectos na teoria kleiniana do complexo de Édipo: primeiro, vimos que Melanie Klein centrou suas ideias mais nas relações pré-fálicas da criança para com a mãe, e, dessa forma, materniza mais as relações edípicas da criança. Desenvolvendo, como vimos, os conceitos de fantasia, Imago e imaginário, procede a leitura das vivências edípicas da criança, com ênfase no mundo interno, imaginário, que por meio das projeções e introjeções modificam a visão da realidade familiar da criança. Em segundo, é necessário citar que o pensamento kleiniano já está com seu núcleo construído a partir de 1927, mas a introdução dos conceitos de posição esquioparanoide e depressiva traz modificações importantes que precisamos esclareceremos a seguir.

PSICANÁLISE PARA SIGMUND FREUD E MELAINE KLEIN



Fonte: tocomciumes.blogspot.com.br

7 POSIÇÕES ESQUIZO-PARANOIDE E DEPRESSIVA: SUA INFLUÊNCIA NO CONCEITO DE COMPLEXO DE ÉDIPO

Em 1934, no Congresso de Psicanálise de Lucerna, Suíça, Melanie Klein apresenta a comunicação que define e descreve, pela primeira vez, a posição depressiva. Publicará esse trabalho com o título Uma contribuição à psicogênese dos estados maníaco-depressivos. Esse artigo representa a sistematização da teoria kleiniana, movimento que podemos constatar, desde o ano de 1932, com a publicação de Psicanálise da criança. (Klein, 1932/1970).

Portanto, a importância de explanarmos, aqui, sobre as duas posições, esquizo-paranoide e depressiva, é de que ambas sistematizam os conceitos kleinianos, mas, o mais importante para o nosso tema é a influência e as modificações que esses conceitos significam na teorização do complexo de Édipo.

Abordando, pela primeira vez, os estádios infantis do desenvolvimento, em 1934, em termos de posição, Klein introduz uma nova leitura para o desenvolvimento da criança: posição refere-se a conjuntos específicos de angústias e de defesas que se manifestam repetidas (Klein, 1934/1970, pág.15).

Melanie Klein vai mostrar que as duas posições, esquizo-paranoide e depressiva são momentos diferentes da evolução psíquica da criança, podendo ser localizados no tempo. Nesse sentido, são subdivisões do estágio oral. A posição esquizo-paranoide existe, aproximadamente, do sexto ao oitavo mês; a depressiva se estende até o fim do primeiro ano de vida da criança. Porém, Melanie Klein ressalta que o aparecimento de uma nova posição não suprime totalmente a ação dos mecanismos e operações da posição anterior; e mais, para ela, o desenvolvimento

PSICANÁLISE PARA SIGMUND FREUD E MELAINE KLEIN

apresenta uma constante oscilação de uma posição à outra, de acordo com seus movimentos de regressão e progressão.

Não é inútil assinalar que, teoricamente, Melanie Klein desenvolveu, primeiro, o conceito de posição depressiva. Só, posteriormente, vai sistematizar a posição esquizo-paranoide. Mas, com a finalidade de dar mais clareza a nossa sucinta apresentação das duas posições, iremos trazê-las em sua ordem cronológica de aparecimento no desenvolvimento da criança, ou seja, primeiro a posição esquizo-paranoide e, depois, a depressiva.

A posição esquizo-paranoide caracteriza-se pela vivência de um ego e de um objeto cindido: objeto bom e objeto mau; ego hedônico e ego desprazeroso, predomínio da introjeção e projeção, mecanismos formadores do ego, mas também presentes na maneira com a qual a criança lida com o mundo externo, os objetos internos e a presença das pulsões de vida e morte no interior do aparelho psíquico. Esse mundo dominado pelo imaginário e pelas fantasias inconscientes nas quais entram como formadores não só gratificações e frustrações externas, mas, também, a projeção das pulsões, libido e pulsão de morte da criança que tem, como predominante a angústia persecutória.

Frente à angústia de perseguição e aos objetos internos e externos terrificantes, a criança lança mão do mecanismo de defesa esquizoide. São mecanismos em que predominam, principalmente, a cisão, a idealização, a projeção e a introjeção. Todos ativados com o objetivo de resguardar o bom objeto e o ego dos ataques advindos do mau objeto e das pulsões agressivas da criança. O fracasso do objetivo defensivo dessa estratégia, em que se misturam a cisão do ego e do objeto, a projeção, a negação maníaca e o controle onipotente do objeto, pode conduzir a uma desintegração do ego. A “atomização” corresponde a uma angústia própria da posição paranoide: o medo de ser reduzido a uma infinidade de pedaços.

A expressão máxima dessa angústia consiste na phantasia do corpo fragmentado (corpo morcelé) (Klein, 1934/1970).

Melanie Klein, fiel ao conceito de oscilação nas posições depressivas e esquizo-paranoide, nos demonstra que, ao mesmo tempo em que a criança convive na posição esquizo-paranoide com a cisão, a angústia persecutória, a tendência de integração e reparação já se desenvolvem nesse período integração dos diversos aspectos do ego, síntese de amor e ódio, aproximação dos objetos cindidos em um objeto único. Mas essa integração traz, episodicamente, à criança uma nova angústia,

PSICANÁLISE PARA SIGMUND FREUD E MELAINE KLEIN

a angústia de perda. Evoluindo na direção da integração e da síntese, o ego infantil experimenta mais ataques da angústia depressiva. Como, nesse momento também, ocorre de maneira progressiva à unificação da mãe como pessoa total, a criança aproxima-se da posição depressiva, que tem, como seu centro, o temor da perda de objeto de amor.

Melanie Klein considera a posição depressiva, que ocorre do sexto ao oitavo mês em diante, como a posição central do desenvolvimento da criança. Assim, ela define a posição depressiva como o resultado de uma mistura de angústia dos sentimentos de aflição e das defesas ligadas à perda eminente e total do objeto de amor (Klein, 1934/1970, pág. 357).

Como já foi dito anteriormente, mesmo na posição paranoide, uma modificação progressiva impõe-se na percepção do objeto: passa-se de um objeto parcial para um objeto total. Esta percepção, que, parte da mãe como objeto, é transferida para a totalidade do mundo externo, é de suma importância.

Acompanhemos o comentário de Hanna Segal sobre essa mudança da mãe de objeto parcial a total:

Reconhecer a mãe como objeto total significa, para nós, que isso difere tanto das relações de objeto parcial quanto das relações de objeto cindido (...) a criança se reconhece como uma pessoa completa que pode, às vezes, ser boa, outras, má, presente ou ausente, amada ou detestada. Começa a ver que suas sensações, boas ou más, não provêm de um bom ou mau seio, mas sim de uma mesma mãe, fonte ao mesmo tempo do que é bom e mau (...) Reconhecer a mãe como pessoa total também significa reconhecê-la como um indivíduo que tem vida própria e relações com outras pessoas” (Segal, 1964, pág. 81).

Reconhecer a mãe como objeto total acarreta para a criança uma nova angústia. A criança percebe que pode perdê-la. A perda do objeto como total só pode ser sentida pela criança depois dela ser amada como objeto total. Essa é a angústia depressiva. Sentimento específico de aflição por ter destruído, irremediavelmente, o bom objeto (interno e externo) – que se manifesta como um medo da morte do objeto.

Essa nova angústia revela-se bem mais complexa do que a angústia persecutória. Tem como base o sentimento de não ter podido proteger o objeto bom, com o qual o ego mais integrado da criança já é capaz de se identificar. Vamos recorrer, mais uma vez, às palavras de Melanie Klein:

Provém da tomada de consciência de uma rivalidade psíquica cada vez mais pungente. A angústia com respeito à mãe internalizada que é vivida como ferida,

PSICANÁLISE PARA SIGMUND FREUD E MELAINE KLEIN

sofredora, em perigo de ser aniquilada, ou mesmo já aniquilada e perdida para sempre conduz a uma identificação mais forte com o objeto ferido (Klein, 1931/1982).

Para Melanie, a angústia depressiva caracteriza-se pela manifestação, ao mesmo tempo, de intenso modo de ver o objeto, irremediavelmente, perdido e as desesperadas tentativas da criança para salvá-lo e restaurá-lo. Para a autora, as angústias nas quais se enraízam as diversas formas de depressão, tornam mais difíceis para a criança suas atividades sublimatórias e trabalham contra as virtudes reparadoras.

A angústia depressiva conduz a criança a recorrer às defesas maníacas com frequência. Estes mecanismos de cisão, idealização e controle do objeto, já utilizados na posição esquizo-paranoide, são, agora, intensificados, juntamente, com o mecanismo de reparação. Depois que conseguiu uma clivagem bem acentuada entre os objetos bons e maus, o sujeito trata de restaurar os primeiros, reparando ao longo da restauração cada detalhe de seus ataques sádicos (Klein, 1947/1968 pág. 315).

A reparação, é para os kleinianos, o mecanismo, verdadeiramente, próprio para suplantar a posição depressiva, tornando-se um conceito-chave na teoria de Melanie Klein, após 1935.

Klein diz:

(...) as tendências para a reparação (...) assumem um papel essencial no processo normal através do qual a posição depressiva infantil é superada. (...) são colocadas em ação por diferentes métodos, dos quais mencionarei apenas os dois que são fundamentais: as posições e mecanismos maníacos e obsessivos (Klein, 1921/1970, p. 204).

No que diz respeito ao complexo de Édipo, que, aqui, é o nosso objetivo, após os anos 40, Melanie Klein deixa claro o elo de relação entre a posição depressiva e o complexo edipiano. Ela reafirma, em 1952, a centralização de todos os primeiros estágios edipianos na imago dos pais combinados e o elo de solidariedade entre a dissociação dessa imago e o acesso às posições direta e invertida do Édipo. A relação entre o Édipo e a posição depressiva é doravante direta e, expressamente, corroborada por Melanie Klein:

Nos dois artigos precedentes, referi-me, várias vezes, à posição depressiva, apontando-a como posição central do desenvolvimento arcaico. Agora gostaria de sugerir a seguinte fórmula: o núcleo dos sentimentos depressivos infantis, ou seja, o medo da criança de perder seus objetos amados, como consequência de seu ódio e

PSICANÁLISE PARA SIGMUND FREUD E MELAINE KLEIN

de sua agressividade, entra desde o princípio em suas relações objetais e em seu complexo de Édipo (Klein, 1947/1968, pág. 202).

Ressaltemos, essencialmente, os seguintes pontos que demonstram a relação entre a posição depressiva e o complexo de Édipo.

Primeiramente, é na posição depressiva que o complexo de Édipo tem seu início.

Segundo, a primeira fase edipiana se caracteriza pela coexistência de uma relação com objetos parciais e de uma relação com objetos totais, que marca o momento em que a posição depressiva começa a existir, sem ainda suplantar a posição anterior, a esquizo-paranoide.

Em terceiro lugar, os pais combinados e os sentimentos de ódio e inveja que atraem nos remetem à noção de um início oral do Édipo e, dessa forma, esse complexo, em seu estágio mais inicial, veicula mais fantasias e afetos provenientes da pulsão de morte do que elementos, propriamente, libidinais.

Por último, a evolução do Édipo, através da dissociação dos pais combinados, é o meio de se superar a posição depressiva. A estreita conexão, sempre reafirmada por Klein, entre o complexo de Édipo e a posição depressiva deve ser também traduzida por uma ligação entre as teorias da reparação e a descrição do Édipo (Segal, 1994).

Finalizaremos, tornando a ressaltar que a visão kleiniana do complexo de Édipo e da família é centrada na precocidade, não só do próprio complexo e da formação do superego como também do desenvolvimento do ego e das relações objetais.

Achamos importante tornar a pontuar que a teoria de Melanie Klein para o desenvolvimento do Édipo e da família é essencialmente baseada em seu conceito de fantasia inconsciente e, portanto, no ponto de vista imaginário, o que a diferencia bastante de Freud que, como já dissemos, trabalhará os conceitos de Édipo e, portanto, de família sob a luz do simbólico. Demonstraremos nos próximos capítulos que Jacques Lacan diferenciara sua acepção de família das teorias freudianas, kleinianas.

PSICANÁLISE PARA SIGMUND FREUD E MELAINE KLEIN

8 A FAMÍLIA NA TEORIA PSICANALÍTICA

8.1 A família na teoria freudiana

Acompanhando o desenvolvimento da teoria psicanalítica, podemos observar que Freud, desde o início, menciona a família, importando este conceito da sociologia e antropologia.

Freud, em seus escritos pré-psicanalíticos, nas cartas a Fliees (Freud, 1887-19810, carta 57), fala do lugar do pai no “Romance Familiar” da histérica. Encontramos também, na carta 71 (Freud, 1887-1980), uma descrição cuidadosa das relações entre a criança e seus pais. Essa relação do indivíduo com os pais, irmãos e irmãs constitui o principal tema da pesquisa psicanalítica.

Na apresentação de seus casos clínicos, Freud insiste, constantemente, na relação do paciente com sua família e demonstra o entrelaçamento de seus sintomas com os sintomas familiares e seu lugar na estrutura da família.

Mas é percorrendo os textos de Freud que versam sobre a família primeva e suas relações com a civilização e a religião, que encontramos a descrição da família e da sua importância em seus primórdios.

No texto Totem e Tabu, Freud (1912-13/1980) argumenta que a forma primitiva da família humana consistia em uma reunião pequena de pessoas, uma horda, comandada por um poderoso macho déspota. Essa família primitiva era constituída por dois tipos de psicologia: a dos membros individuais do grupo, obedientes a uma vontade comum ou coletiva e a do pai primevo, não submetido ao coletivo, mas livre. Esse pai teria, portanto, seu funcionamento psíquico caracterizado pelo narcisismo, pouco investimento objetal nos demais membros da horda, autoconfiança, independência e dominação. O pai da horda, devorador e temido, estava, portanto, fora da sanção da lei. Mas devemos realçar que os demais membros da horda se encontravam submetidos a uma lei brutal, encarnada pelo temido pai primevo.

Esse pai da horda impedia os filhos de satisfazer suas pulsões sexuais, obrigando-os à abstinência e, conseqüentemente, criando os laços emocionais com ele e com a família ou com a horda. Todos os filhos se viam igualmente perseguidos pelo pai primevo, temiam-no e o odiavam igualmente. Unidos pela coletividade dos irmãos, insurgem, assassinam e devoram esse pai temido e perigoso.

PSICANÁLISE PARA SIGMUND FREUD E MELAINE KLEIN

Surge a forma seguinte da sociedade humana, o clã totêmico. Cada indivíduo se vê obrigado a renunciar seu ideal de adquirir a posição do pai primevo e a abrir mão de possuir todas as mulheres, mães e irmãs, formando, assim, a comunidade totêmica de irmãos: todos com direitos iguais e unidos pelas proibições totêmicas que se destinavam a preservar e a espiar a lembrança do assassinato. Mas essa coletividade fraternal trazia, também, a insatisfação com o que fora conseguido e, obrigatoriamente, levaria a novas mudanças. Os indivíduos, unidos nesse grupo de irmãos, aos poucos, produziram uma revivência da antiga forma de relação, em novo nível. O macho torna-se outra vez chefe de uma família, desmanchando as prerrogativas do clã totêmico estabelecido no período em que não havia pai.

Nas palavras de Freud (1921-1980, p. 171): “(...) contudo, a nova família era apenas uma sombra da antiga; havia um grande número de pais e cada um deles era limitado pelos direitos dos outros (...)”.

Freud aponta que, para libertar-se do grupo e assumir o papel de pai, um indivíduo imaginativo inventou o mito heroico. Esse herói era um filho que sozinho tinha matado o pai primevo. Freud (1921/1980) completa:

“A transição para o herói foi, provavelmente fornecida pelo filho mais novo, o favorito da mãe, filho que ela protegera do ciúme paterno e que, na época da horda primeva fora sucessor do pai. Nas mentirosas fantasias poéticas dos tempos pré-históricos, a mulher, que constituía o prêmio do combate e da tentação para o assassinato, foi, provavelmente, transformada na sedutora e na investigadora do crime” (Freud, 1921/1980, p. 171).

Para Freud (1912-13/1980), a concepção de família é, portanto, fundamentada no assassinato do pai pelo filho e na rivalidade deste em relação ao pai. Freud utiliza, então, do conceito de herança arcaica, que traz a vivência da família primeva, da morte do pai e do clã totêmico e a presentifica na família moderna.

PSICANÁLISE PARA SIGMUND FREUD E MELAINE KLEIN



Fonte: www.letracapital.com.br

Porém, o despertar desses traços de memória necessita de uma repetição real. Tal reativação é levada a termo pelo complexo de Édipo, exhaustivamente descrito nos capítulos anteriores desse trabalho.

A partir da teorização do complexo de Édipo, Freud constrói uma acepção psicanalítica da família, passando a abordá-la pelo viés do complexo edipiano.

Segundo Roudinesco (2002), podemos concluir que a família é uma instituição humana duplamente universal, pois associa a castração simbólica a um fato da natureza biológica.

Roudinesco (2003) afirma:

“Para além dos complexos e de suas derivações psicológicas contemporâneos, os heróis imaginados por Sófocles, Shakespear e Dostoievski, depois transferidos por Freud para o psiquismo individual esclarecem um dos aspectos mais sutis da invenção psicanalítica: a correlação que ela estabelece, ao final do século XIX, entre o sentimento de declínio da função paterna e a vontade de inscrever a família no cerne de uma nova ordem psicológica, encarnada não mais no pai despojado de sua onipotência divina, depois revestido no ideal econômico e privado do Pater Famílias, mas por um filho que se torna pai porque teria recebido como herança a grande figura destruída de um patriarca mutilado” (Roudinesco, 2003 - p. 86).

Mas cabe, aqui, uma questão: no texto Totem e Tabu, Freud (1912 – 13/1980) já não nos fala de um pai limitado pelo clã fraterno? Portanto, podemos pensar que a família fraterna traz a ideia de um pai limitado e representante, juntamente, como o

PSICANÁLISE PARA SIGMUND FREUD E MELAINE KLEIN

totem do pai morto, devorado e, posteriormente, presentificado nos tabus do incesto e da morte do pai.

Freud afirma que o passo seguinte é através da religião totêmica, por meio da introdução das divindades e mitos paternos, que, gradualmente, transformam o clã organizado em uma sociedade de base patriarcal. A família constitui uma restauração da antiga ordem primeva e devolve aos pais uma grande parte de seus antigos direitos.

Embora a organização social, portanto, familiar, tenha aparecido sob o pilar do sistema matriarcal, as conquistas do clã fraterno persistem e se desenvolvem, marcando a distância entre o pai da família moderna e o onipotente pai primevo da horda.

A família moderna freudiana é, segundo Roudinesco (2003), um fenômeno universal alicerçada na união estável de um lado e filiação de outro. Logo, a concepção biologista da diferença dos sexos embasa a universalidade da família, mas nos envia a outra condição, a saber, de que são necessárias duas outras famílias, uma apta a fornecer um homem, e a outra, uma mulher que, pelo casamento, permitem o surgimento de uma terceira família. Logo, uma família não existiria sem a sociedade e seu processo social de aliança.

Nesse processo, podemos observar duas vertentes: de um lado, a troca, que define a circulação de mulheres; do outro, a proibição do incesto, permitindo que as famílias se aliem umas às outras, e não cada uma em seu próprio nicho. A proibição do incesto é, portanto, condição tão necessária à criação de uma família, quanto a união de um sexo a outro. Logo, a criação e transformação da instituição familiar ocorrem dentro de duas grandes dimensões ou campos: do biológico (diferença anatômica fisiológica dos sexos) e do simbólico (interdito do incesto).

Num sentido amplo, a família é definida como um conjunto de pessoas ligadas entre si pelo casamento e pela filiação ou pelo sucesso de indivíduos descendendo uns dos outros. A família é organizada em uma estrutura hierárquica centrada no princípio da dominância patriarcal, apresentando três tipos de relações elementares: a relação entre o senhor e o escravo, a associação entre marido e mulher e o vínculo entre o pai e os filhos.

Segundo Roudinesco (2003), podemos distinguir três momentos na evolução da família. Num primeiro momento, a família tradicional ou patriarcal assegura a transmissão do patrimônio. Em uma segunda fase, a família moderna, fundada no

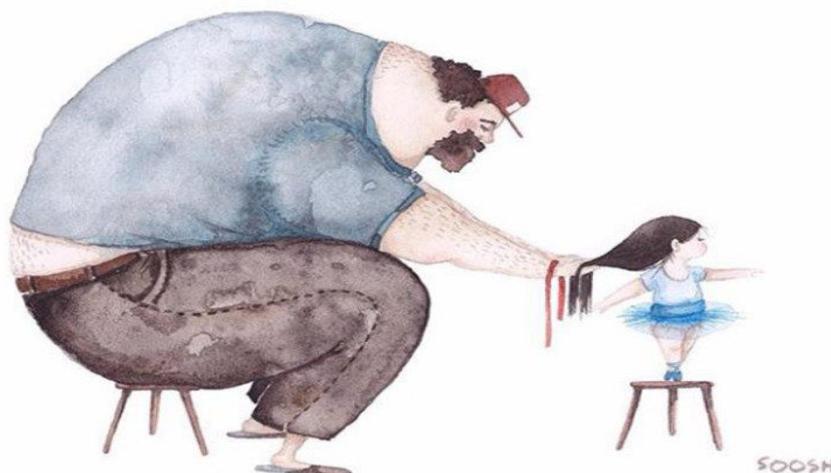
PSICANÁLISE PARA SIGMUND FREUD E MELAINE KLEIN

amor romântico, reforça os sentimentos e desejos na sua origem. Finalmente, a família contemporânea une, por duração relativa, dois indivíduos com o objetivo de buscar realizações pessoais e sexuais. Seu surgimento vem como consequência do realce dado à dimensão privada no último século, fomentando a consideração de funções simbólicas em detrimento da origem mítica do poder paterno.

Na horda primeva, o pai é a encarnação de Deus, senhor das famílias, reinando sobre o corpo e a alma da mãe e dos filhos. Já o pai romano se caracteriza por ter seu lugar determinado pela nomeação que ele fazia ao filho, logo, o pater romano é aquele que se designa a si mesmo como pai, não é determinado pelo biológico, e sim pelo ritual de reconhecimento, designação do filho pelo gesto ou pela palavra que tem como consequência a posição de comando do pai no seio da família (direito romano).

No cristianismo, a função simbólica do reconhecimento, obrigatoriamente, coincide com a paternidade biológica. Portanto, diferente do pai romano, o pai cristão, submetido a Deus, tem seu direito assegurado, não por sua vontade de reconhecimento, mas pela filiação biológica advinda de Adão e, portanto, divina.

Na realidade, apenas a nomeação simbólica garante a cada homem que é, de fato, genitor (pai) de sua prole. Este pai simbólico não é, portanto, um pai procriador, senão na medida em que é um pai pela fala. O verbo tem, portanto, como consequência reunir e cindir as duas funções da paternidade, a da nomeação e a da transmissão do sangue. Se o biológico designa o genitor, o verbo permite ao pai, em seu ideal de dominação, afastar sua progenitura da natureza e introduzi-la na cultura; em outras palavras, o pai, com sua palavra, traz para a criança a passagem da natureza para a cultura.



Fonte: curiosamente.diariodepernambuco.com.br

PSICANÁLISE PARA SIGMUND FREUD E MELAINE KLEIN

Essa onipotência paterna sempre foi cerceada, mas esse processo se intensifica, no final do século XIX, quando as interferências do Estado na família começam a limitar e tutelar o poder do pai. É, neste momento, que Freud introduz o conceito de complexo de Édipo.

Para Roudinesco (2003), no final do século XIX, no momento em que Freud introduz na cultura ocidental cristã a ideia de que o pai gera o filho, que será o seu assassino, o tema do advento de uma possível feminilização do corpo social já é motivo de um debate sobre a origem da família. “Nessa perspectiva, o pai deixa de ser o veículo único da transmissão psíquica e carnal e divide esse papel com a mãe” (Roudinesco, 2003, p. 35). Como consequência, na reação a esse fato, há uma tentativa de recuperação do lugar do pai, representada pelo fortalecimento do pai burguês.

O pai burguês, diferente do pai divino monárquico, é um pai empreendedor, privado e individualizado. Este pai do simbólico impõe limite à onipotência do feminino, determinando, assim, três fundamentos para a família: autoridade do marido, submissão das mulheres e dependência dos filhos. É, portanto, um pai justo submetido à lei, ao Estado, o que permite iniciar a emancipação da mulher e dos filhos e, conjuntamente, incrementar o declínio do patriarcalismo.

Mas, como relatamos, Freud já nos colocava as limitações e o declínio do pai em seu texto Totem e Tabu (1912-13/1980), descrevendo a morte do pai primevo, o clã totêmico, caracterizado pela ausência do pai, e a nova forma de família com a existência de muitos pais “cada um deles era limitado pelos direitos dos outros” (Freud. 1921/1980- p. 171). Portanto, o “declínio do patriarcalismo” está presente, para Freud, nos primórdios da família, e não apenas na família contemporânea como afirma Roudinesco.

Devemos ainda pôr em discussão a questão da família psíquica ou edípica e sua relação com a família da realidade. Nos textos freudianos, encontramos, constantemente, o contraponto da realidade da família com a representação psíquica da família.

Encontramos essa correlação desde a herança arcaica, que necessita sua reativação da revivência em uma família real. Esta correlação com a família real está presente também nos romances familiares que a transformam em uma família idealizada, que tem como função retificar a realidade familiar.

PSICANÁLISE PARA SIGMUND FREUD E MELANIE KLEIN

Também, no texto Leonardo da Vinci e Uma Lembrança de Sua Infância (Freud, 1910/1980), encontramos a ligação feita por Freud da ausência do pai nos primeiros anos de vida de Leonardo, pai da realidade, e sua sede de conhecimento.

Freud já nos apontava para o fato de que, apesar da importância do conceito do complexo de Édipo, é necessário levar em conta que os lugares dessa estrutura são ocupados por pais e mães. Que esses lugares são “encarnados” por pais da realidade, e não apenas simbólicos. Por sinal, por ser simbólico, esse pai não consegue representar toda a função paterna, e, por isso, Freud insiste no contraponto com a família da realidade.

Freud deixa clara, portanto, a necessidade da família da realidade que possibilitará, servirá como “base” para a família edípica, que é a acepção psicanalítica da família.

Nessa questão da família da realidade e sua função como família psíquica, citemos

Yolanda Mourão (2003):

“(...) não podemos negligenciar que esses lugares (da família) são ocupados por determinados pais e mães. Estas funções não são abstratas, elas são “encarnadas” por pais da realidade, que têm sua história, estruturam-se de determinada maneira e estão submetidas a influências culturais distintas (...)” (Mourão, In Porão da Família, 2003 – p. 83).

Assim como Freud, a autora se refere à família da realidade, que participa como suporte para a família simbólica e que se apresenta na clínica psicanalítica trazendo, em seu bojo, as demandas, os desejos, a linguagem dos sintomas da família simbólica.

9 A FAMÍLIA NA OBRA DE MELANIE KLEIN

Melanie Klein (1931/1982), acrescenta à acepção psicanalítica de família o acesso à vida imaginária da criança e, portanto, a suas imagos maternas e paternas, como também à vivência de seus objetos parciais. Este conhecimento leva Melanie Klein a trabalhar a família através das vivências edípicas dos primeiros meses de vida, em que foca as relações do sujeito com a mãe, como objeto parcial. A função paterna presente, desde os primeiros meses, na relação mãe-filho, vem, na teoria Kleiniana, completar e ativar o Édipo da criança.

PSICANÁLISE PARA SIGMUND FREUD E MELAINE KLEIN

Klein centra a questão da família, nos primeiros anos de vida da criança e em sua relação com a mãe, lidando com o entrelaçamento da família da realidade e o mundo imaginário da criança. Em sua opinião, a “Phantasia”, característica do imaginário, produz a interação de uma realidade interna e da experiência efetiva, reduzida de início, da realidade externa vivida na família.

Para Melanie Klein (1932/1982), a criança de tenra idade já possui um ego mais organizado, capaz de mecanismos que fazem frente à angústia e à culpa e, o mais importante, promovem, muito cedo, relações de objeto tanto no plano da fantasia quanto no da realidade vivida na família; sendo assim, a vida afetiva e familiar da criança é obrigatoriamente mais centrada na mãe imaginária ou real.

A teoria Kleiniana sobre o conceito de complexo de Édipo e a acepção psicanalítica de família é essencialmente baseada em seu conceito de Phantasia inconsciente e, portanto, no ponto de vista imaginário.

Resumimos, assim, as mudanças propostas por Melanie Klein (1931/1982) no conceito de complexo de Édipo e, portanto, na acepção psicanalítica de família, o que discutimos, cuidadosamente, no texto anterior sobre o complexo de Édipo, na obra de Melaine Klein.

Embora, como Freud, Melanie Klein (1931/1982) faça o contraponto da família da realidade e a família psíquica ou imaginária, a autora não trabalha em sua obra com a família da realidade. O motivo pode ser encontrado em sua prática clínica, na qual, para garantir um estatuto de psicanálise para o tratamento da criança, Klein exclui os pais desse atendimento.

A análise era realizada com a criança, considerada sujeito capaz de transferência e de fazer uma verdadeira análise.

Deixando os pais fora da análise, Melanie Klein (1931/1982) não se ocupou com a família da realidade, portadora fenomenologicamente dos pedidos e demandas familiares, focando, muito mais, a família imaginária presentificada no complexo de Édipo, como mostramos anteriormente.

PSICANÁLISE PARA SIGMUND FREUD E MELAINE KLEIN

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTHUSER, L. (1976). **Freud e Lacan** – Positions I Edição Sociais, Paris 1976.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, s.d.

BARROS, F. (2001), **Do Direito ao Pai. Belo Horizonte: Livraria D'el Rey Editora LTDA**, 2001.

BLEGER. **Comentários de fragmento de “Cuestión de Preliminar”**. In: Comentario del Seminario inexistente. Buenos, 1992.

CHAVES, W. (2006). **O estatuto do Real em Lacan: Dos primeiros escritos ao seminário 7, “A ética da psicanálise”**. Tese de Doutorado Universidade de São Carlos: São Paulo, SP, Brasil.

CHAVES, W. (2005). **A determinação do sujeito em Lacan: da reintrodução na psiquiatria à subversão do sujeito**. Tese de Doutorado Universidade de São Carlos: São Paulo, SP, Brasil.

DOR, J. (1989), **Introdução a leitura de Lacan volume 1**. Porto Alegre; Artes Médicas 1988.

D'UNRUG, M-C. (1976). **Analyse de contenu e acte de parole**. De l'énoncè á l'énonciation. Paris: Editions Universitaires.

DE WAELHENS A. (1972). **A psicose ensaio de interpretação analítica e existencial**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor LTDA, 1982.

DOLTO, F. (1971). **O caso Dominique**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

FREUD, S. (1897-1980). **Extratos dos documentos dirigidos a Fliess**, In: Obras completas. Rio de Janeiro: Imago, 1980.

FREUD, S. (1897-1980). **La Maissance de la psycanalyse**. Paris, 1991. Freud, S. (1908-1980). **Romance familiar do neurótico**. In: Obras completas. Rio de Janeiro: Imago, 1980.

FREUD, S. (1910-1980). **Um tipo especial de escolha de objeto feita pelo homem**. In: Obras completas. Rio de Janeiro: Imago, 1980.

PSICANÁLISE PARA SIGMUND FREUD E MELAINE KLEIN

FREUD, S. (1910). **Uma lembrança de infância de Leonardo da Vinci.** In: Obras Completas. Rio de Janeiro: Imago, 1980.

FREUD, S. (1912/13-1980). **Totem e tabu.** In: Obras completas. Rio de Janeiro: Imago, 1980.

FREUD, S. (1980-1915). **A pulsão e suas vicissitudes.** In: Obras completas. Rio de Janeiro: Imago, 1980.

FREUD, S. (1916-1980). **Conferencia XXXIV.** In Conferências Introdutórias. In: Obras Completas. Rio de Janeiro: Imago, 1980. pág. 275-318.

FREUD, S. (1919-1980). **O Estranho.** In; Obras completas. Rio de Janeiro: Imago, 1980.

FREUD, S. (1921-1980) **Psicologia de grupo e análise de ego.** In: Obras Completas. Rio de Janeiro: Imago 1980.

FREUD, S. (1923-1980) **Neurose e Psicose.** In: Obras Completas, Rio de Janeiro: Imago, 1980.

FREUD, S. (1924-1980). **A dissolução do complexo de Édipo.** In: Obras completas. Rio de Janeiro: Imago, 1980.

FREUD, S. (1930-1980). **O mal-estar na civilização.** In: Obras completas. Rio de Janeiro: Imago.

FREUD, S. (1931-1980) **Sexualidade Feminina.** In: Obras Completas. Rio de Janeiro: Imago, 1980.

GROENINGA, G. (2003) **Família um caleidoscópio de relações.** In: Direito de Família e Psicanálise. Rumo a uma nova epistemologia. Coord: Groeninga, Cunha P. R. Belo Horizonte: Editora Imago, 2003.

ISAAC, S. (1921-1970). **A natureza e função da Phantasia.** In: Os progressos da Psicanálise. Melaine Klein e outros . Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982, págs. 4-11.

JONES, E. (1927). **Novos desenvolvimentos da sexualidade feminina,** In Papeers ou Psycanálise, Bailliére. Londres,. 1950.

PSICANÁLISE PARA SIGMUND FREUD E MELAINE KLEIN

KLEIN, M. (1921-1970). **O desenvolvimento de uma criança**. In: Contribuições à Psicanálise. São Paulo: Editora Mestre Ju, 1970.

KLEIN, M. (1928-1970). **Primeiras fases do Complexo de Édipo**. In: Contribuições à Psicanálise. São Paulo: Editora Mestre Ju, 1970.

KLEIN, M. (1928-1970). Todistrieb rend August. In: **A psicanálise da criança**, pág. 140. São Paulo: Editora Mestre Ju, 1970.

KLEIN, M. (1931-1982). **Algumas conclusões teóricas sobre a vida emocional dos bebês**. In: os progressos da psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.

KLEIN, M. (1934-1970). **Uma contribuição à psicogênese dos estados maníacos-depressivos**. In: Contribuições a Psicanálise. São Paulo: Editora Mestre Ju, 1970.

KLEIN, M. (1947-1968). **Essais de Psycanalyse**. Paris: Payot, 1968.

LACAN, J. (1936-1988). **O estádio do espelho como formador da função do Eu**. In: Escritos, Tradução Ribeiro, V. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1988.

LACAN, J. (1938-1980). **Complexos familiares**. Porto: Assírio e Alvim, 1981.

LACAN, J. (1952-1988). **O mito individual do neurótico**. (Texto avulso, s.d.).

LACAN, J. (1955-1988). **O seminário, livro 3**. As Psicoses. Rio de Janeiro: Zahar Editora 1988.

LACAN, J. (1957-1999). **O seminário, livro 5**. As formações do inconsciente. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1999.

LACAN, J. (1969-1992). **O Seminário. Livro 4: O avesso da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar. 1992.

LACAN, J. (1969-1998). **Dois notas sobre a criança**. In: Opção Lacaniana. Revista Brasileira internacional de psicanálise. São Paulo: Eólia, 1998.

LAPLANCHE, J. Pontalis. (1967). **Vocabulário de psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 1967.

LEMAIRE, A. (1989). **Jacques Lacan uma introdução**. Rio de Janeiro: Campos, 1989.